

M|A|RGS



# STOCKINGER

100 anos

# STOCKINGER 100 ANOS

CURADOR

**Francisco Dalcol**

CURADORA-ASSISTENTE

**Fernanda Medeiros**

M|A|R G S

Pinacotecas

07.08 a 24.11.2019

Porto Alegre - RS



# STOCKINGER

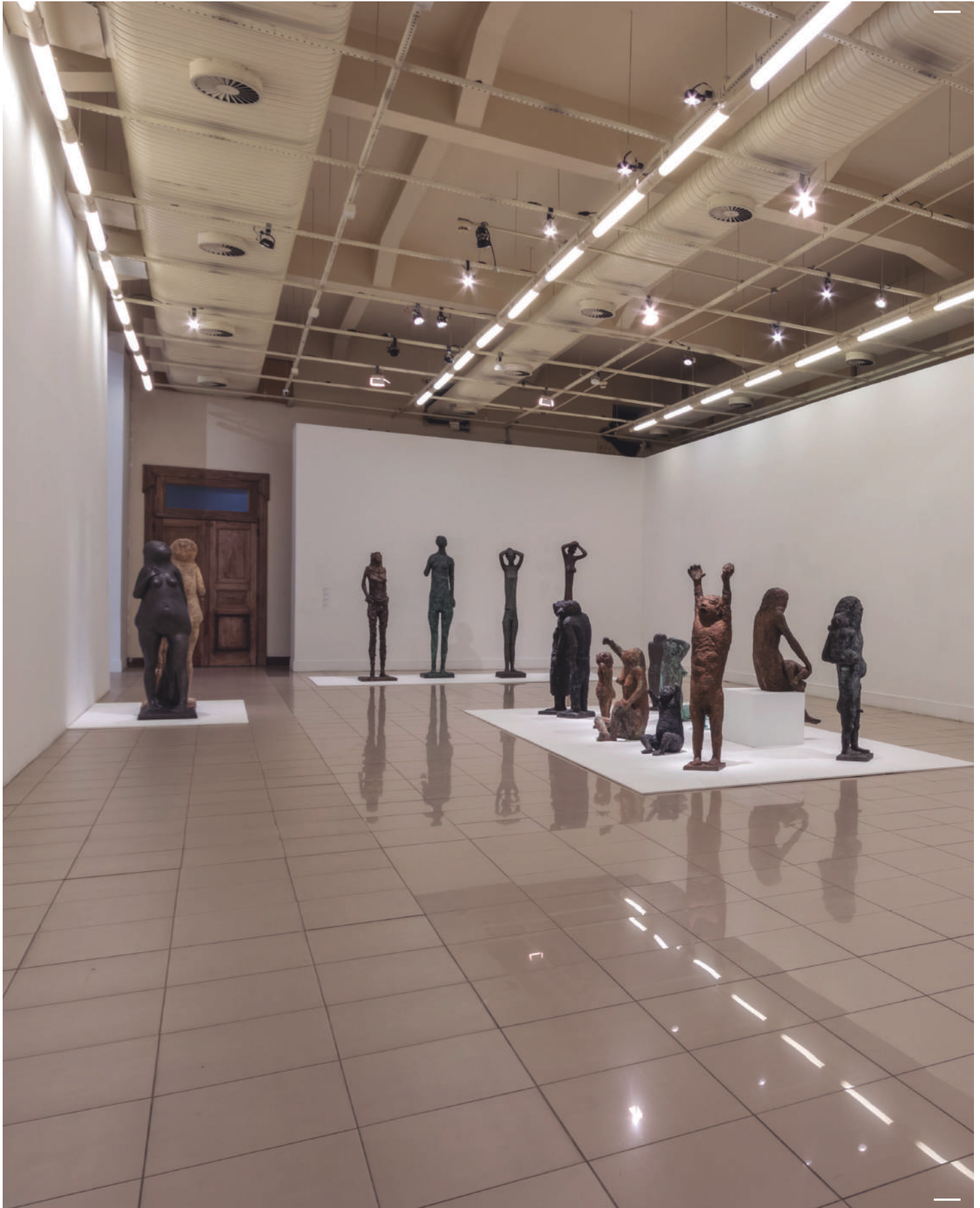
100 anos

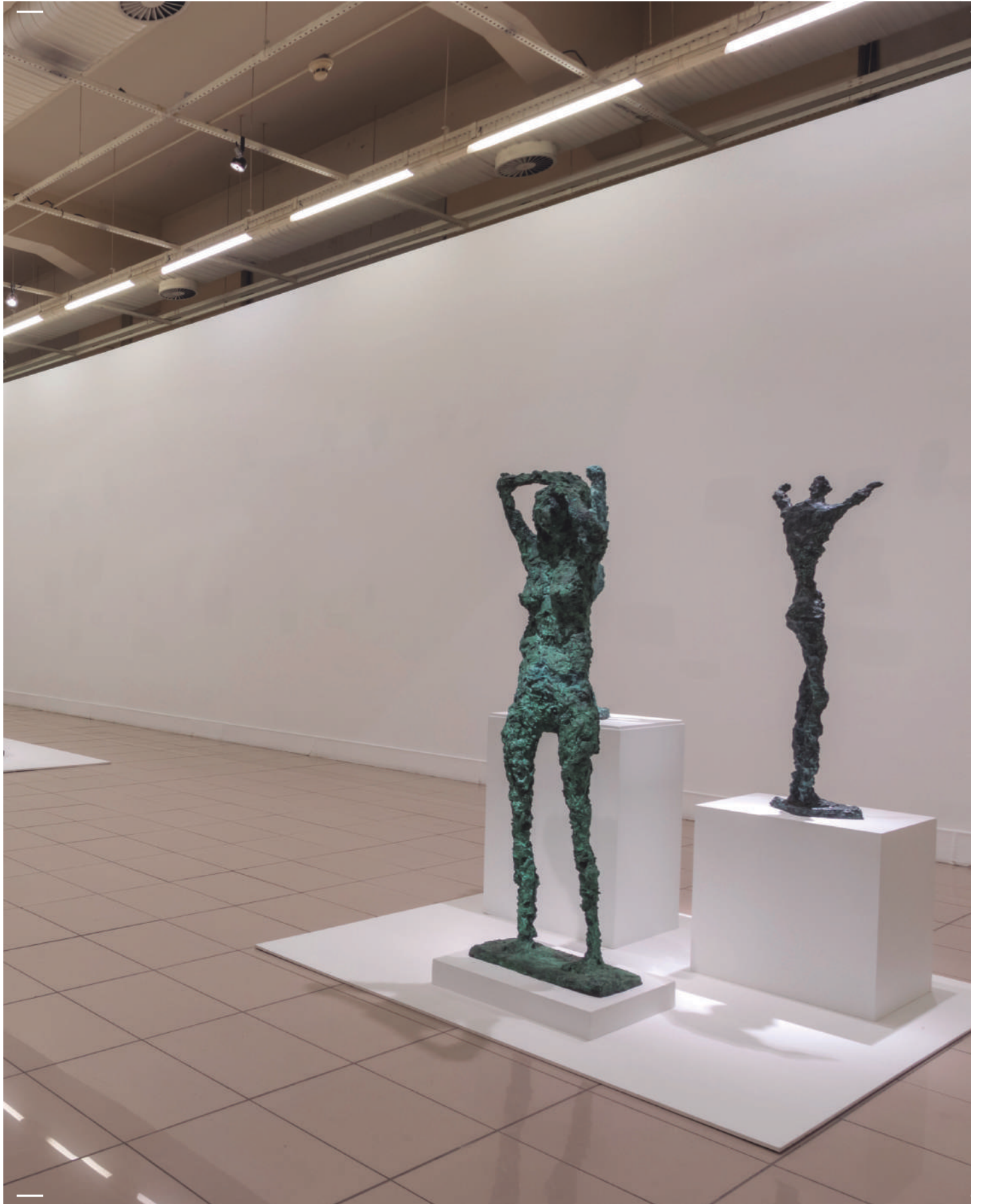
**Curador**  
Francisco Dalcol  
**Curadora-assistente**  
Fernanda Medeiros





















No ano de 2019, em meio a uma crise política e econômica, a Secretaria de Estado da Cultura foi refundada com dois objetivos principais: preservar e divulgar o nosso patrimônio cultural e avançar no campo da economia da cultura.

Para esse desafio, mais do que confiança política, contamos com a garantia do direito à liberdade de expressão e escolha para definirmos o quadro técnico das instituições museais.

Tendo em vista que a gestão de um museu público envolve questões artísticas e curatoriais, convidamos Francisco Dalcol, doutor em Teoria, Crítica e História da Arte, para imprimir na atual gestão a preocupação com a realização de exposições acompanhadas de critérios curatoriais que primem pela valorização da diversidade artística e cultural em suas pesquisas e concepções museográficas.

O MARGS é o mais importante museu do estado, tanto por sua trajetória quanto pela extensão de sua coleção, com mais de 5000 obras. Entendemos que uma política museológica deve optar por um modelo administrativo que favoreça as exposições de acervo.

Sob essa perspectiva e com o entendimento de que um museu se recria pela sua própria trajetória, estamos investindo, através do programa “PAC Cidades Históricas”, na conservação do museu e voltando a desenvolver uma expressiva política de veiculação do seu acervo, não se limitando a exibir apenas as obras já conhecidas do grande público, mas aquelas ocultadas ao longo de um processo histórico agora questionado.

Dessa forma, o MARGS volta a implantar uma linha editorial de publicações regulares como esta que homenageia o centenário do artista Xico Stockinger, além de outras por vir.

Assim, o museu se prepara para sistematizar programas que possibilitem uma maior circulação e uma efetiva amostragem de suas obras para a comunidade, afirmando-se no século 21, no que se refere a padrões museológicos nacionais e internacionais, com uma autêntica estrutura de

**difusão de conhecimento seriamente democrática e abrangente. Uma estrutura que, demonstrando a relevância de seu acervo e sua importância estratégica para a comunidade artística regional, também realiza uma necessária contribuição para o maior entendimento do contexto histórico, político e social do povo brasileiro.**

**Beatriz Araujo  
Secretária de Estado da Cultura  
do Rio Grande do Sul**

**Em 1982, foi criada a Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (AAMARGS). É uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, sendo a mais antiga associação de amigos de museus de arte em atividade ininterrupta no Rio Grande do Sul. Os membros da diretoria desenvolvem seu trabalho voluntariamente, o que se constitui no maior exemplo de vocação filantrópica.**

**A AAMARGS oferece à comunidade diversos cursos, entre os quais de história da arte, desenho, aquarela, pintura acrílica e idiomas, desenvolvendo também, desde 2014, o projeto “Conversas no museu”, sendo responsável pelos concursos de fotografia para exposição no Café e no Bistrô do MARGS. Há mais de 4 anos, mantém o grupo de pesquisa de História da Arte do RS.**

**Está ainda, sob sua responsabilidade, a elaboração e execução do Plano Anual do MARGS, cujo principal objetivo é a manutenção e o funcionamento do museu.**

**Venha você também fazer parte deste projeto.**

**Associe-se!**

**Diretoria da AAMARGS**

**O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) é uma instituição museológica voltada à história da arte e à memória artística, assim como às manifestações, linguagens, investigações e produção em artes visuais.**

**Sua principal finalidade é colecionar, catalogar, documentar, guardar, conservar, restaurar e exibir os seus acervos artístico e documental, a fim de desenvolver exposições e atividades que proporcionem aos públicos experiências enriquecedoras, transformadoras e acolhedoras.**

**Na atual gestão do MARGS, temos investido em uma política curatorial e educacional que esteja a par de discussões e problemáticas prementes a serem enfrentadas de maneira (auto)crítica pelas instituições museológicas e artísticas, sobretudo por aquelas que se orientam pela busca de relevância e atualidade.**

**Nesse empenho, assumimos como compromisso fundamental a defesa de premissas democráticas e de valores cidadãos, como inclusão, diversidade, pluralidade e representatividade, por meio de ações e estratégias envolvendo o programa artístico, as políticas de exibição e aquisição, a ação educativa e a gestão museológica.**

**Sendo o museu uma instância voltada à pesquisa, ao estudo e à produção de conhecimento e experiências avançadas e aprofundadas em arte, ao assumirmos a Direção do MARGS em 2019 implementamos uma missão institucional que confere protagonismo a projetos curatoriais e expositivos de execução própria pelo museu, os quais são propostos, concebidos e desenvolvidos pelo diretor-curador e suas equipes, profissionais envolvidos e instituições parceiras; entre mostras individuais e coletivas, com obras tanto de seus acervos artístico e documental como de outras coleções e procedências.**

**É dessa orientação que resultam projetos como “Stockinger 100 anos”, a ampla e extensa exposição que o MARGS apresenta em 2019, em homenagem ao centenário de nascimento do grande artista Francisco (Xico) Stockinger,**

trazendo a público mais de 100 obras, sendo 50 delas pertencentes ao acervo da instituição.

Este catálogo dedicado à mostra marca agora um importante momento e conquista para o primeiro ano da atual gestão: o início de um programa editorial de publicações relacionadas aos projetos curatoriais e expositivos com proposição e realização próprias pelo MARGS. A intenção é documentar e difundir a produção de conhecimento gerada a partir da programação artística, da ação educativa e do programa público do museu, privilegiando a circunstância de apresentação e de encontro com as obras e os trabalhos de arte.

Nesse sentido, o catálogo traz não apenas os textos e as obras da exposição, como a fortuna visual composta pelos registros fotográficos que documentam as configurações do espaço expositivo, os quais são indicativos das opções curatoriais e da experiência advinda dos agrupamentos e das relações estabelecidas entre as obras.

A organização do catálogo se orienta pelos núcleos temáticos com que a exposição se estruturou. Quanto às obras e documentos mobilizados na mostra, seguimos um dos objetivos do programa editorial, que é o de destacar os itens dos acervos do MARGS, com a intenção de conferir maior visibilidade e legibilidade a partir de sua veiculação por meio dos catálogos.

Interesse privilegiado da chamada História das Exposições, um campo de conhecimento relativamente recente que se volta à circunstância pública de apresentação da arte, as publicações relacionadas às exposições são fundamentais para o registro, a documentação e a perpetuação da memória dos eventos artísticos, participando da construção dos discursos e das narrativas artísticas, assim como dos campos da teoria, da crítica e da história da arte.

Francisco Dalcol  
Diretor-curador do MARGS



**STOCKINGER**  
**100 ANOS**

20

**A ESTIRPE DOS  
GUERREIROS**

34

**ARTE  
IMPRESSA**

38

**DRAMA SOCIAL  
E EXISTENCIAL**

44

**REPOUSO E  
ABSTRAÇÃO**

58

**MADEIRA E  
GESSO**

70

**DENÚNCIA  
DA MISÉRIA**

78

**HUMANISTA  
E UNIVERSAL**

86

**FRANCISCO (XICO)  
STOCKINGER**

100

**PROGRAMA  
PÚBLICO**

104

**OBRAS DA  
EXPOSIÇÃO**

116

**ENGLISH  
VERSION**

# STOCKINGER 100 ANOS

**Aclamado como um dos mais consolidados referenciais da arte do Rio Grande do Sul, Francisco Stockinger (1919-2009) é também reconhecido como um dos mais importantes representantes da escultura no Brasil. Hábil desenhista e artesão, esculpiu em gesso, madeira, metal e pedra, trabalhando também com desenvoltura em gravura, desenho, ilustração, charge e caricatura.**

**Nos anos 1950, trilhando o caminho inverso ao tradicional — do centro para a província —, mudou-se do Rio de Janeiro para Porto Alegre, cidade onde passaria a vida, tornando-se uma personalidade fundamental do cenário cultural com sua forte e atuante presença. Além de artista, teve um papel decisivo como agente do sistema da arte no Estado, participando de sua constituição ao se engajar em causas coletivas à frente de instituições culturais como o MARGS, o Atelier Livre e a Associação Chico Lisboa.**

**Ao lado de Iberê Camargo e Vasco Prado, Stockinger formou o tripé de maior projeção da arte moderna gaúcha, compondo uma espécie de santíssima trindade das artes visuais do Estado. Comungavam de certa visão na abordagem artística moderna, especialmente no tratamento dado à condição humana, seja em sua dimensão social ou existencial.**

**Com séries escultóricas como a dos seus afamados “Guerreiros”, iniciada nos anos 1960, Stockinger foi figura decisiva na fixação de valores modernos na cultura artística do Rio Grande do Sul, consolidando uma vertente de matriz expressionista. Também estabeleceu um fecundo diálogo entre a tradição da arte ocidental e os temas regionais, emprestando à sua obra um sentido coletivo e ao mesmo tempo universal.**

**Com esta exposição que celebra o centenário de nascimento de Stockinger, o MARGS afirma o compromisso com a nossa história artística, em seu dever de prestar esta importante homenagem, cuja solenidade se torna necessária para que a relevância de um grande artista seja recolocada e não se apague da memória coletiva.**

**Ao apresentar a quase totalidade das obras de Stockinger pertencentes ao acervo do MARGS, onde está suficientemente bem representado, esta exposição ainda reúne um significativo número de peças de acervos públicos e coleções particulares, que gentilmente aceitaram o convite de tomar parte na comemoração, apoiando este projeto com realização própria do museu.**

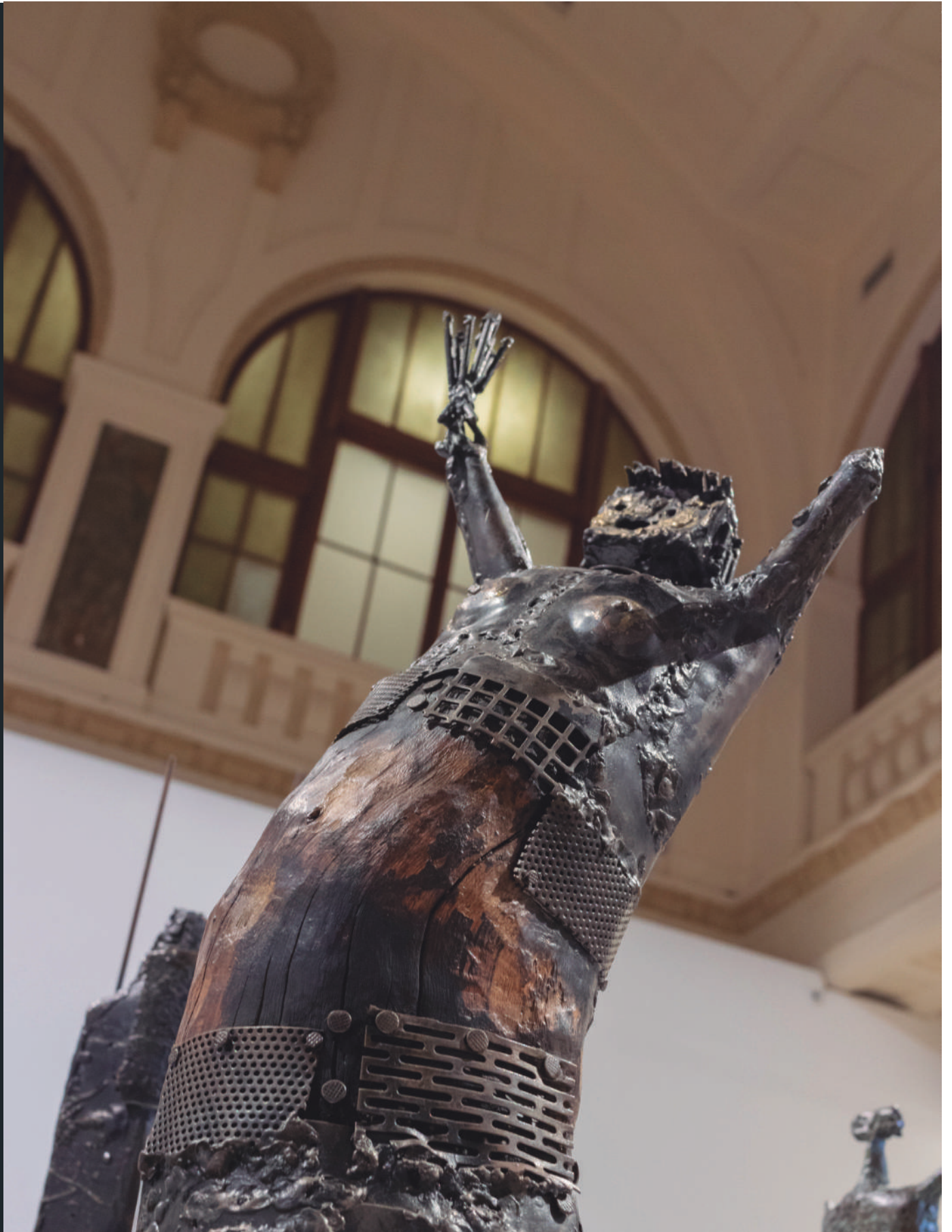
**Resulta disso uma exposição ampla, que traz a público um conjunto altamente expressivo e representativo da produção do artista. Stockinger obteve consagração ainda em vida, tendo sido frequentemente reconhecido ao longo de sua trajetória, como atesta a extensa fortuna crítica, teórica e histórica encontrada nos inúmeros textos, catálogos, livros e exposições a ele dedicados.**

**Reconhecendo se tratar de um artista já legitimado e amplamente abordado, a exposição “Stockinger 100 anos” se assume mais panorâmica do que retrospectiva, tendo sido organizada segundo estratégias que procuram oferecer compreensão e legibilidade frente a uma produção tão extensa quanto diversa em suas etapas. Reforçam a opção por esse viés os diversos textos de mediação apresentados no espaço expositivo, com os quais se procura situar e contextualizar a obra e a trajetória do artista.**

**Ao assinalar e afirmar a importância de Stockinger, o esforço é tomar o seu centenário de nascimento, e os 10 anos de sua despedida, como um momento oportuno para se difundir o seu legado. O intento é proporcionar um reencontro e um renovado interesse com uma produção tão conhecida e aclamada, e sobretudo oferecer uma experiência intensa e enriquecedora para um público mais amplo e não totalmente familiarizado com a importância de sua obra e vida, notadamente as novas gerações.**

**Francisco Dalcol  
Curador da exposição  
Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte**

# A ESTIRPE DOS GUERREIROS



Personagens rijos, forjados a metal, madeira e fogo, os “Guerreiros” são esculturas nada serenas. Ao contrário, impressionam pela força expressiva de sua contundência afirmativa e mesmo agressiva, de revolta, sublevação e ataque.

No começo dos anos 1960, depois de um período dedicado às artes gráficas (desenho de imprensa e gravura), Stockinger retomou a prática e pesquisa em escultura. Começou a fundir em bronze no quintal da casa, de modo caseiro e mesmo rudimentar. Nesse processo artesanal e experimental, desenvolveu formas e texturas que o levariam a elaborar a estirpe em torno da figura mítica do guerreiro.

Seguindo em suas experimentações, passou a trabalhar os “Guerreiros” com troncos de árvore e peças metálicas soldadas, desenvolvendo aí um inventivo processo construtivo — colagem e sobreposição, e não mais modelagem ou entalhe —, que configura a sua mais particular e notável contribuição para o campo da escultura.

Responsável pela projeção e reconhecimento nacional do artista, a estirpe dos “Guerreiros” participou ainda da consolidação de um novo campo escultórico no Rio Grande do Sul. Isso se deu pela afirmação de valores artísticos modernos e atualizadores, como a possibilidade de um arte figurativa não naturalista, desinteressada na representação fidedigna da realidade ou na obediência às convenções dos modelos, comprometida sobretudo com a liberdade de criação e expressão.

Tais figuras logo foram vistas tanto como expressão do lado agressivo e heroico do gaúcho quanto exaltação da resistência às opressões e à ditadura militar. Ao mesmo tempo, a linhagem dos “Guerreiros”, a que se somam figuras como profetas, sentinelas, touros, cavalos e personagens femininas, conferiu a Stockinger uma assinatura pessoal e única, sendo também a mais extensa vertente de sua produção, realizada praticamente até o final da vida.



























# ARTE

# IMPRESSA

Bem-vi  
Ritmo dos  
Contas  
escrever a  
Noel Rosa,  
Vila". Ser  
boemia" q  
tem de ma  
depois de  
sua comp  
ate no s  
O cantu  
forte, sou  
Não se  
semelhã  
meça de  
Jacy Pa  
livro, "No  
um poem  
Delado de  
te, inspira  
como adri  
damente h  
eramente  
dor.

Aos po  
meçava at  
parabéns  
linharia de  
testemunh  
la entre ei  
"Poeta,  
podiores  
psicólogo  
dentist, m  
seu biógra



Jamais  
cis alienig  
candado e  
sua comp  
samba h  
extravagan  
sonantes q  
nheiro e a

Em vez  
nosç-lo e  
de largou  
navalece

Q  
nã  
Q  
gr  
Se  
se  
eu  
su  
Nã  
ne  
ou  
vã

Assim v  
gestora:

M  
qu  
m

"Noel Rosa", charge publicada no jornal A Hora, em 11 de fevereiro de 1956

# Noel Rosa

## O POETA DA VILA

Reportagem de Carlos NOBRE

*tu não me saís da lembrança.  
Meu coração não se cansa  
de sempre e sempre te amar*

### OUTROS FATOS

Noel Rosa foi adorado pela sua cidade. Escreveu uma ode ao Rio de Janeiro, "Cidade mulher" e dizia — já no fim — que preferia viver três anos no Rio do que dez em outro lugar.

O sambista revoltava-se contra a miséria das favelas, conhecia o grande drama das favelagens. Seus casais agora possuem sentido social. Brinca impiedosamente com os figurões. É de uma ironia grata, rude, sincera.

Observa os ladrões de casa, os aproveitadores e espaga-lhos e samba. "Onde está a honestidade" no qual podemos ver como o sambista brincava com assuntos sérios e ia enfiando a carepaça em muita gente:

*Você tem palacete reluzente,  
tem jóias e criados à vontade.  
Sem ter nenhuma herança ou parente,  
Só anda de automóvel na cidade.  
E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*

*O seu dinheiro nasce de repente,  
e embora não saiba se é verdade,  
você acha na rua diariamente,  
anéis, dinheiro e... até felicidade.  
E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*

*Fassoura dos salões da sociedade,  
que varre o que encontra na sua frente,  
promove festivais de caridade  
em nome de qualquer defunto ausente.  
E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*

### A MORTE

No dia 4 de Maio de 1937 o sambista do povo, o maior compositor brasileiro de todos os tempos, silêncio para sempre. Vila Isabel veste luto.

Cheio de glórias terrestres iria experimentar agora a glória dos céus.

Thaís de Barros, descrevendo a entrada do sambista no céu, escreve:

— Noel, Noel não. Você aqui não pode tocar. Aqui é o céu, onde os bem-aventurados tocam da felicidade sem fim...

— Felicidade sem violão, São Pedro?

— Que é que há, Pedro?

— É o Noel Rosa, Senhor. Está aqui choroso porque não trouxe o violão.

— Vê se arranja, Pedro, vê se arranja um violão para o Noel...

Silenciara por fim a cigarrilha boêmia, o namorado das estrelas, o cantor da Vila, do Brasil.

### EPILOGO

A obra de Noel Rosa é uma literatura e o Brasil não se elevou de certo à compreensão de que uma literatura é a melhor justificação de uma nacionalidade — e muitos anos, por certo, passaram antes que o país acredite que são os poetas que dão, a um povo, a sua posição e o seu valor na civilização; que um simples soneto pode salvar uma nação do esquecimento; e que, se ainda hoje se fala tanto de Roma, é isso devido às odes dum cidadão que no seu tempo não foi senador, deputado, militar ou banqueiro, mas um simples bem-vivente que se chamou Horácio.

Noel Rosa em seus sambas, exprime esta coisa estranha e rara — as dores duma inteligência. Debatendo-se, sofrendo, e formulando os gritos do seu sofrimento, nas suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo, dá mais sublime beleza poética, Noel criou uma coisa rara, sem precedentes.

*Adieu, poeta do povo,  
que ressuscites de novo  
quanto na morte descumbas!  
Sinhô de pele mais clara  
no qual Sinhô encarna  
a alma honrada dos sambas.*



Bem-aventurados os simples porque deles será o Reino dos Céus.

Confesso que sempre nutri um ardente desejo de escrever algo sobre Noel de Medeiros Rosa, o imortal Noel Rosa, conhecido em toda parte como o "Poeta da Vila". Sempre fui um apaixonado daquela "Cigarrilha boêmia" que deu a música popular brasileira o que ela tem de mais bonito e mais puro. Hoje, quase 20 anos depois da sua morte, aí está Noel mais vivo que nunca, suas composições continuam cantadas em todo o país e até no estrangeiro com instigação incessante.

O canto da cigarrilha das matragalhas é cada vez mais forte, mais belo, mais samba.

Não julgaram que pretendi fazer um estudo da personalidade poética do Cantor de Vila Isabel. Não. Ele merece biografias, mais dignas, biografias da força de Jacy Pacheco que nos fala de Noel em seu magnífico livro, "Noel Rosa e sua época". Pretendi aqui falar um pouco de seu gênio, da mensagem de suas músicas. Dotado de uma exaltação natural, apaixonada, ardente, inspirado, esse homem singular sofreu, e cantou como sofrer, e, consorçando-se brasileiro, foi profundamente humano. Na poesia dele estão expressas, sinceramente, coisas que são eternas, o amor, a sátira e a dor.

### ASCENÇÃO

Aos poucos Noel foi se impondo. Sua música começava a atrair os editores e já famosos cantores se propunham gravá-la. Morreria Saldá... Noel Rosa cantava sua obra. As estrelas de Vila Isabel foram testemunhas do poeta notívago que hoje, talvez, esteja entre elas.

"Poeta extraordinário. É o mais brilhante dos compositores populares. Soube retratar, com fino senso psicológico, em fino estilo humorístico, a trilogia nacional: mulata, violão e samba" — é o que nos conta seu biógrafo, Jacy Pacheco.

### NOEL E O SAMBA

Jamais o Poeta da Vila deixou-se levar pela influência alheia em seus músicos. Detestava a americanização que por volta de 35 começara a influir nos compositores. Noel manteve-se firme ao lado do samba brasileiro. Nunca se entregou à banalidade ou extravagância de introduzir no samba os acordes dissonantes que autorizam dois grandes fins — ganhar dinheiro e a glória fácil.

Em vez de arrevesar o samba, Noel preferiu enriquecê-lo com tons próprios continentais. Em 1933 ele largou este e que foi um estrondoso sucesso carnavalesco.

*Quando eu morrer  
não quero choro nem vela.  
Quero uma fita amarela  
gravada com o nome dela.*

*Se existe alma,  
se há outra encarnação,  
eu queria que a mulata  
sapatasse no meu coração.*

*Não quero flores,  
nem curar com espíritos,  
só quero choro de flauta,  
violão e cavaquinho.*

Assim vai o seu "Fita Amarela" até que culmina gostoso:

*Meus inimigos  
que hoje falam mal de mim,  
vão dizer que nunca viam  
uma pessoa tão boa assim...*



Em 1936 já contaminado pela terrível tuberculose, Noel Rosa não se intimidava com a doença e seguiu seu destino de cigarrilha, cantando a vida à beira da morte. Para o Carnaval de 36, compôs, em parceria com Helder dos Prazeres, a insuperável marcha, "Pierrot Apaixonado" que, se não me engano, foi gravado pela famosa dupla Joel e Galcho.

Para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de ouvi-la em disco, eis sua letra que repito como uma das maiores postas até hoje numa marcha carnavalesca:

*Um pierrot apaixonado,  
que ritica só cantando,  
por causa de uma colombiana  
acabou chorando,  
acabou chorando.*

*A colombiana entrou no botequim,  
bebeu, bebeu, saiu assim... assim...  
dizendo: pierrot cocete,  
você tomar sorvete  
com o arlequim!*

*Um grande amor tem sempre um triste fim.  
Com o pierrot aconteceu assim.  
Levando esse grande chate,  
foi tomar vermute*

Para o Carnaval, compôs ainda o fabuloso Noel, fonte inesgotável de inspiração, os seguintes: "Que bafo" de parceria com Nassara; "Não resta a menor dúvida", com Hervé Cordovil; "Pela primeira vez", com Arnaldo Reis e várias outras composições de sucesso.

O grande sofrer, a cigarrilha boêmia, companha marchas alegres enquanto sua alma sofria. Minado pela tuberculose, carregando consigo o grande complexo do alijão facial que lhe desfigurava o rosto e impedia uma alimentação adequada, o grande poeta falava em carnaval como um homem feliz, sem dramas íntimos.

De parceria com o excelente Joel de Barro, compôs a maior marcha-rancho que se tem notícia, "Linda pecorina", melodia fabulosamente inspirada em versos do mesmo Joel.

*A estrela d'alva  
no céu desponta,  
E a lua ondu tonta  
com tamanho esplendor.  
E as pastorinhas,  
p'ra consolo da lua,  
vão cantando na rua  
lindas versos de amor.*

*Linda pastora,  
morena, da cor de Madalena,  
tu não tens pena de mim.*

**De modo a poder viver do trabalho artístico, Stockinger se voltou nos anos 1950 ao desenho de imprensa (diagramação, ilustração, caricatura e charge), abandonando momentaneamente o trabalho em escultura iniciado na metade da década anterior.**

**Atuou primeiramente na imprensa do Rio de Janeiro e, a partir de 1954, em Porto Alegre, no jornal A Hora, cuja oferta de emprego motivou sua transferência com a família para o Rio Grande do Sul.**

**Stockinger passaria depois pela Folha da Tarde, mantendo-se com presença constante na imprensa gaúcha até o começo dos anos 1970, tanto com espaço próprio e fixo no jornal como colaborando com frequência para as redações.**

“A nova versão da Arca de Noé”, charge publicada no jornal A Hora, em 20 de outubro de 1955

“As bodas de janeiro”, charge publicada no jornal A Hora, em 16 de outubro de 1955



# DRAMA SOCIAL E EXISTENCIAL

Pr



Prima do artista

1954. 7. 1754



**Ainda no final da década de 1950, Stockinger passou a praticar gravura. Assim como no trabalho na imprensa, também procurava um modo de manter a si e a família. Dessa experiência, ficou notabilizado por uma importante produção em xilo (gravura impressa a partir de matriz de madeira), manifestando já aí forte pendor tanto à consciência social como às vertentes expressionistas.**

**Contudo, a produção em gravura de Stockinger não se valeu das intensidades da expressão para uma dramatização documental da vida. Por outra via, abordou o drama social coletivo pela chave do conflito existencial, a partir de personagens excluídos e marginalizados da sociedade, tanto urbana como rural, a exemplo de pobres, boêmios, prostitutas e abigeatários.**

**Entretanto, sob o ponto de vista de um olhar crítico de hoje, algumas dessas imagens produzidas entre os anos 1950 e 1960, ainda que revelem seu apreço e compaixão pelos oprimidos e pelas classes menos favorecidas, podem se ressentir de certa reprodução e reiteração dos valores dominantes de uma sociedade desigual. É o caso, por exemplo, do modo de representação da mulher negra, que pode ser visto como estereotipado e afirmativo da condição subalterna, tendo em conta discussões e problemáticas atuais sobre representatividade, diferença e poder.**







# REPOUSO E ABSTRAÇÃO



Sobre a produção escultórica em pedra, que acompanha diversas fases de sua trajetória, Stockinger costumava dizer que se tratava do “descanso do guerreiro”. De fato, são esculturas serenas e silenciosas, que enfatizam o apelo à contemplação. Convidam ao deleite da beleza lírica e poética, mobilizando uma sensibilidade própria à forma e à matéria, e também ao que pode haver de prazer e sensual no resgate desses sentidos.

Esculpindo em pedra, Stockinger não mais acrescenta nem molda, apenas subtrai o excesso. Há volume e cor, mas também ausência. A narrativa e o comentário da realidade social dão lugar à opção pelo silêncio, da arte como objeto em si.

Se em metal Stockinger carregou sua escultura de certa gestualidade expressionista, na pedra foi mais leve e depurado, ao combinar formas esféricas lisas com superfícies rugosas e texturizadas, áreas cheias com vazias, e mesmo vazadas, estabelecendo também um jogo entre luz e sombra, peso e rigidez.

Aqui, o artista deixou-se guiar pela operação de reconhecer na forma bruta da matéria a sua vocação, encontrando assim a via de uma abstração informal, ainda que não totalmente isenta ao tema, uma vez que ao menos três são recorrentes: os lunares, as colunas e os drapeados. E entre os materiais privilegiados, destaca-se o mármore, com sua presença ancestral na história da arte.



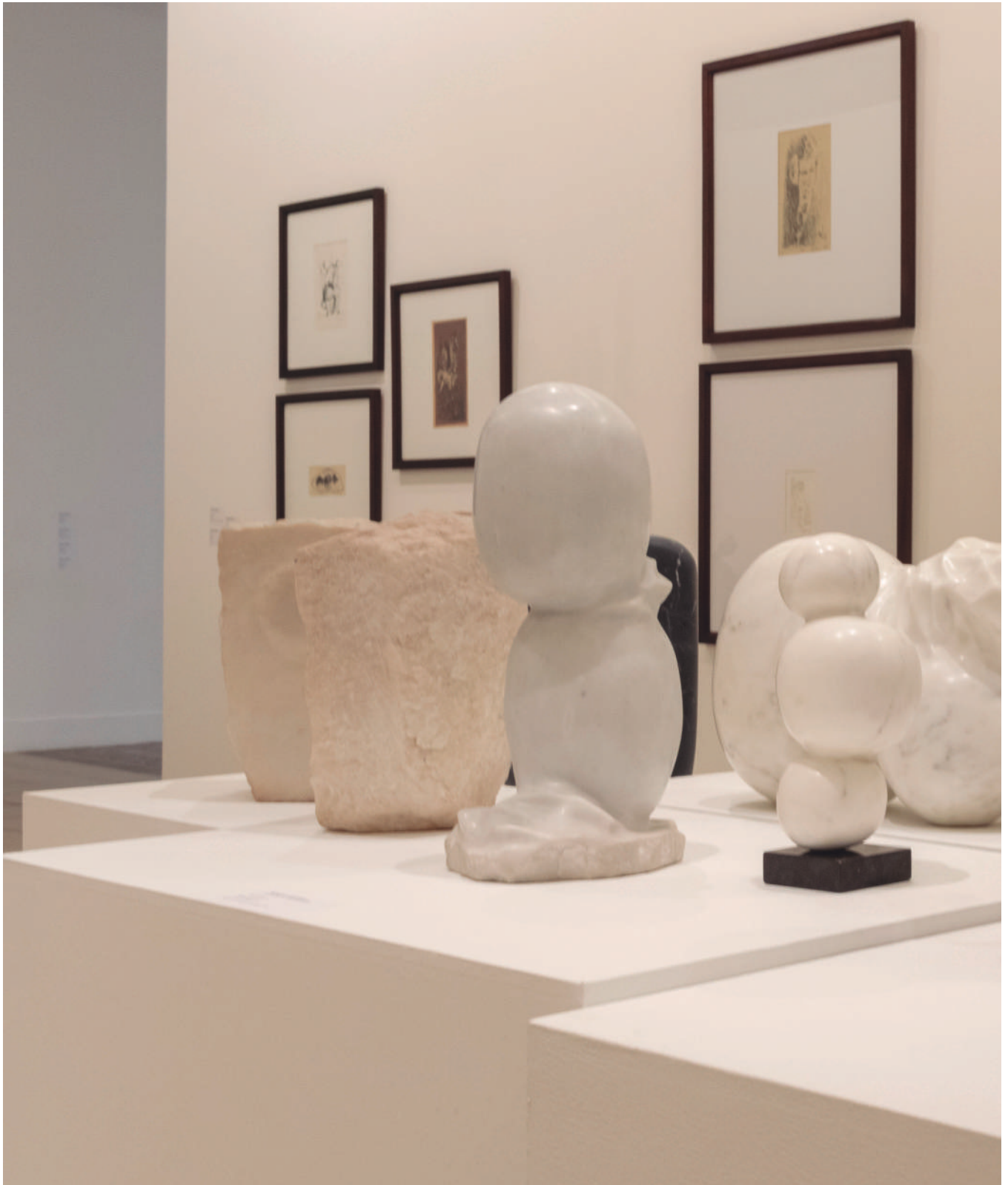
























**MADEIRA**

**E GESSO**



As figuras apenas em madeira sugerem estabelecer uma ponte em sua produção, situando-se na passagem do que pode haver entre as ruidosas esculturas em ferro-madeira e as silenciosas pedras. Chegam a remeter a algumas das afamadas figuras femininas em madeira de Vasco Prado. Porém, mais precisamente, são exemplares do trânsito que Stockinger empreendeu em sua trajetória escultórica.

O início de sua carreira foi pautado pelo naturalismo acadêmico — baseado em regras prévias, no ensino de ateliê e no método modelo-vivo —, fase exemplificada pelas cabeças e bustos em gesso que produziu nesse período.

A seguir, abandonaria tal orientação, logo encontrando uma linguagem já não mais realista em escultura, primeiramente em obras ainda em gesso, porém já inovadoras, como a emblemática “Figura em pé”, vencedora do Festival de Artes Contemporâneas de Porto Alegre (1960) e carinhosamente chamada de “Sapa”. A peça em gesso pertence ao acervo do MARGS, juntamente à versão em bronze patinado, de 2001.

A madeira será adotada — a exemplo das figuras femininas que realiza — e logo deixada de lado em favor do bronze que o levaria aos “Guerreiros”. E lá seria retomada posteriormente, quando passa a empregar madeira com ferro soldado, encontrando aí a sua linguagem mais própria, e com a qual oferece a maior contribuição para a arte brasileira.













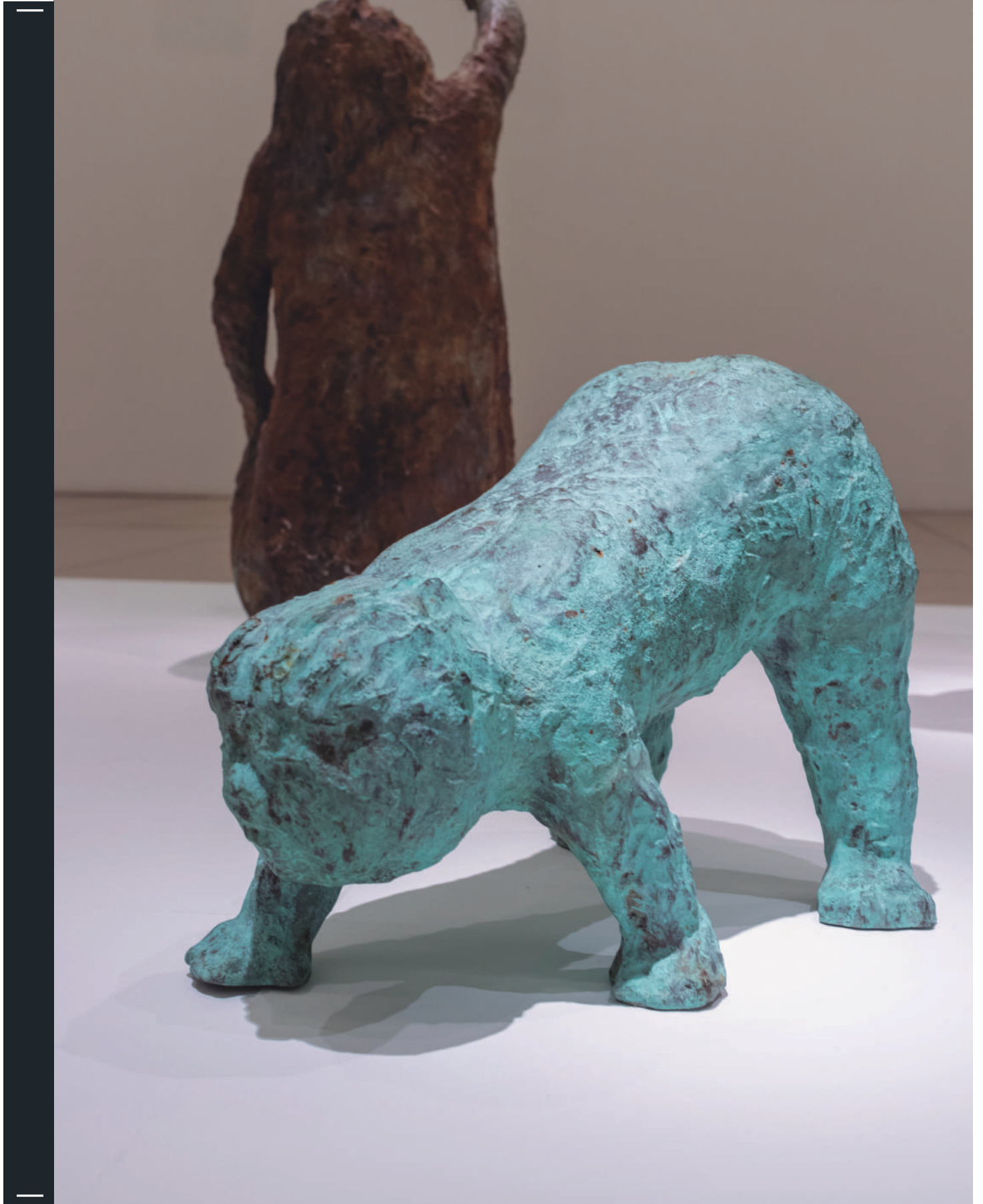








# DENÚNCIA DA MISÉRIA





**Nos anos 1990, Stockinger recobrou as cargas de um comentário social mais explícito em sua produção artística. Sensibilizado pelas notícias da fome e miséria que teimavam a chegar do nordeste brasileiro, concebeu as figuras dos “Gabirus”, os seus seres nanicos, expressivos do drama humano que persiste a recair sobre as populações menos favorecidas.**

**Como modo de denúncia, Stockinger procurava intencionalmente chocar com suas impactantes peças fundidas em bronze, que também já apontavam, uma vez mais, para a aproximação com algo do grotesco presente em sua produção.**

**Com os “Gabirus”, Stockinger novamente tomava parte nos fatos da realidade social, participando dos problemas que acometem o homem em sentido universal, como se a escultura se colocasse também a ele como um modo de ver e refletir sobre o mundo.**

**Na carreira de Stockinger, a série dos “Gabirus” marcaria com peso a presença do artista na 1ª Bienal do Mercosul, em 1997.**











**HUMANISTA**

**E UNIVERSAL**





**Ao longo da extensa carreira, desenvolvida entre os anos 1940 e 2000, a produção de Stockinger sempre apontou para o lastro da tradição artística ocidental.**

**Mais precisamente, para a revalorização da escultura primitiva sugerida por grandes mestres europeus, filtrada por um viés humanista e por uma figuração livre. Entre essas referências são incontornáveis escultores a exemplo de Alberto Giacometti, Aristide Maillol, Auguste Rodin, Constantin Brancusi, Henry Moore, Jean Arp e Marino Marini.**

**Se pouco a pouco foi se afirmando com maior interesse uma opção pelo grotesco na produção escultórica de Stockinger, também pode-se perceber uma forte tendência a procedimentos diversos e inventivos envolvendo acúmulos de massa e figuras cada vez mais longilíneas, a exemplo das suas “Magrinhas” e outras personagens, sobretudo as femininas.**

**Ao se valer a seu modo desse aspecto primitivo, arcaico e ancestral encontrado nos artistas modernos, tornado emblema de sua fidelidade e coerência artísticas, Stockinger alcançou uma obra que continua a significar por sua dimensão tão humanista quanto universal do drama e da alegria da possibilidade de se estar no mundo, e de nele ter de lidar com as condições com que se possa sobreviver.**







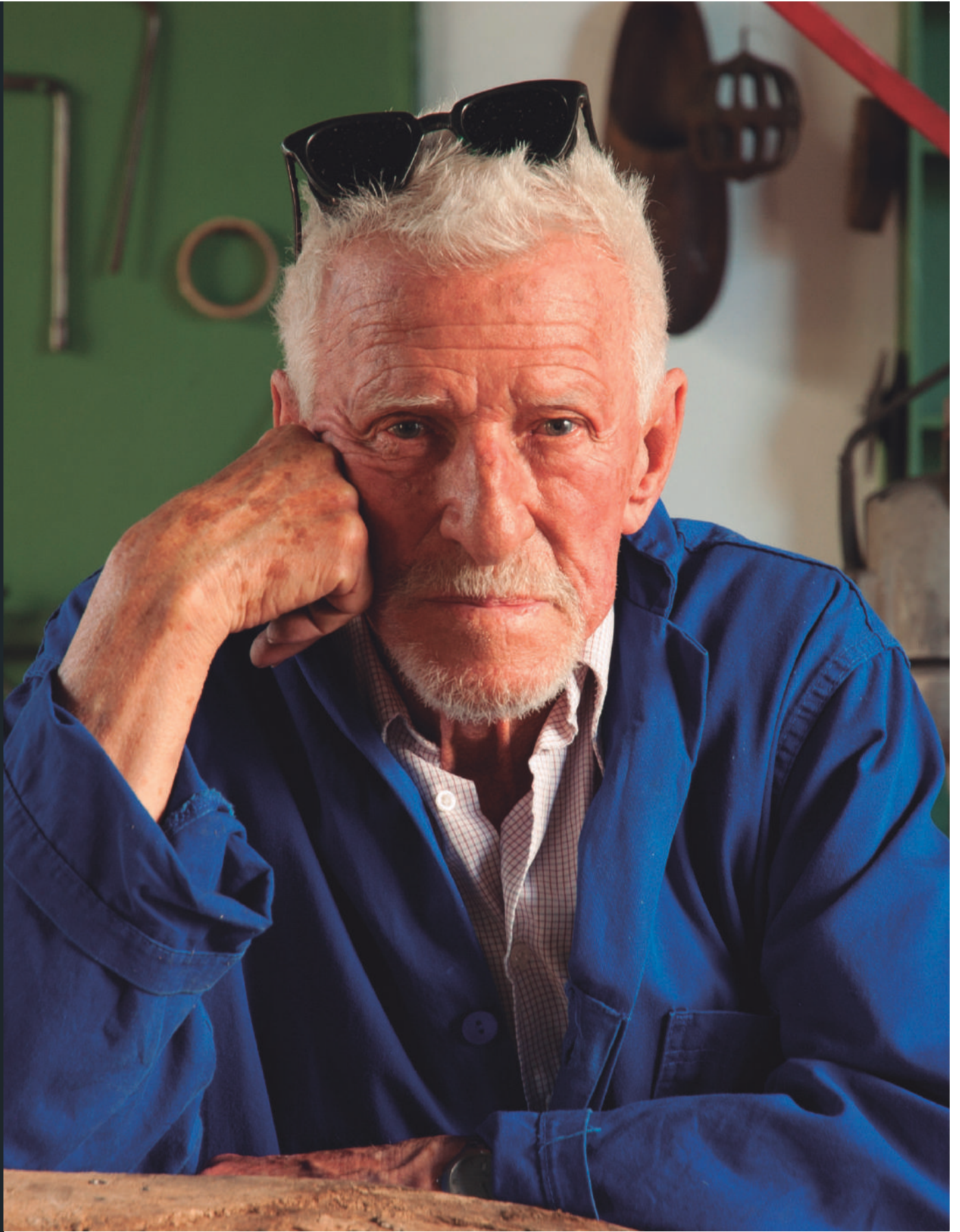




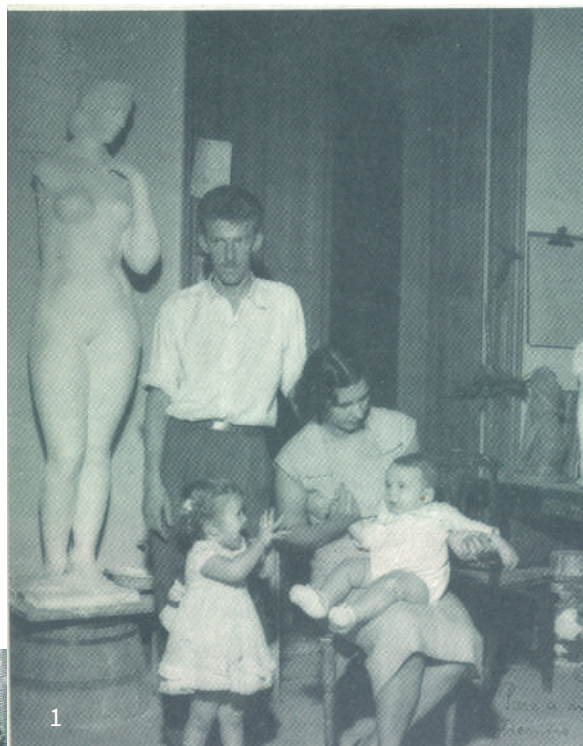
**FRANCISCO**

**(XICO)**

**STOCKINGER**







1



2



3



4



5



6

1) Stockinger, a esposa Yedda e os filhos Jussara e Francisco Antonio, 1956  
2) Vasco Prado, Stockinger e Marcelo Grassmann (a partir da esquerda)  
3) O escultor em seu ateliê na Rua Pelotas, Porto Alegre, 1959  
4) Stockinger no Aero clube do Brasil, 1939  
5) Paulo Flores, Virgílio de Almeida, Stockinger e Bruno Giorgi no bar Vermelho, Rio de Janeiro, 1948 (a partir da esquerda)  
6) Stockinger (à esquerda), com o pai, a mãe e a irmã

Nascido em Traun, na Áustria, em 7 de agosto de 1919, Franz Alexander Stockinger criou-se no interior rural de São Paulo, para onde a família de imigrantes (pai austríaco, mãe inglesa e irmã mais velha) se dirigiu ao chegar ao Brasil, no começo dos anos 1920.

Com a separação dos pais, ao fim da mesma década, acompanhou a mãe em sua mudança para a capital paulista, onde viveria até a adolescência. No Colégio Mackenzie, foi aluno de Anita Malfatti, ainda sem saber que havia sido uma artista decisiva do modernismo no Brasil, uma remanescente da Semana de Arte Moderna de 1922. À época, seu interesse maior ainda eram as caricaturas de Belmonte e os gibis de “Flash Gordon”.

No Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1937, habilitou-se como piloto de avião, realizando um sonho da infância. Tentou se alistar na 2ª Guerra Mundial, mas foi impedido de voar por ser estrangeiro. Interessou-se então por meteorologia, tendo se tornado técnico e trabalhado para a aviação.

Iniciou-se em escultura nos anos 1940, com o escultor Bruno Giorgi, de quem frequentou o ateliê. Logo passou a conhecer o círculo intelectual, artístico e boêmio do Rio, tendo convivido com nomes fundamentais na fixação da arte moderna no Brasil, como Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Iberê Camargo, José Pancetti, Marcelo Grassmann, Maria Leontina, Milton Dacosta e Oswaldo Goeldi.

Nesse início de carreira, destacou-se por receber diversos prêmios, como no 53º e 54º Salão Nacional de Belas-Artes (1948 e 1949), além do 1º e 3º Salão Nacional de Arte Moderna (1952 e 1954).

Em 1954, já casado e com dois filhos, mudou-se para o Rio Grande do Sul ao encontrar trabalho no jornal A Hora. Na imprensa de Porto Alegre, foi diagramador, caricaturista, chargista e ilustrador, passando ainda pelo jornal Folha da Tarde, no qual manteve atuação até os anos 1970.

Naturalizou-se brasileiro, oficializando Francisco em lugar de Franz. Por volta dos 40 anos, passou a lidar com as restrições da perda de audição, comunicando-se pelo restante da vida com a habilidade de quem lia lábios com desenvoltura.

Depois de um período dedicado ao desenho de imprensa e comercial, passou à gravura, ampliando sua atuação profissional, e logo constituindo uma importante obra em xilogravura (gravura com matriz em madeira).



# FRANCISCO (XICO)

Nascido em Traun, na Áustria, em 7 de agosto de 1919, Franz Alexander Stockinger criou-se no interior rural de São Paulo, para onde a família de imigrantes (pai austríaco, mãe inglesa e irmã mais velha) se dirigiu ao chegar ao Brasil, no começo dos anos 1920.

Com a separação dos pais, ao fim da mesma década, acompanhou a mãe em sua mudança para a capital paulista, onde viveria até a adolescência. No Colégio Mackenzie, foi aluno de Anita Malfatti, ainda sem saber que havia sido uma artista decisiva do modernismo no Brasil, uma remanescente da Semana de Arte Moderna de 1922. A época, seu interesse maior ainda eram as caricaturas de Belmonte e os gibis de "Flash Gordon".

No Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1937, habilitou-se como piloto de avião, realizando um sonho da infância. Tentou se alistar na 2ª Guerra Mundial, mas foi impedido de voar por ser estrangeiro. Interessou-se então por meteorologia, tendo se tornado técnico e trabalhado para a aviação.

Iniciou-se em escultura nos anos 1940, com o escultor Bruno Giorgi, de quem frequentou o ateliê. Logo passou a conhecer o círculo intelectual, artístico e boêmio do Rio, tendo convivido com nomes fundamentais na fixação da arte moderna no Brasil, como Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Iberê Camargo, José Pancetti, Marcelo Grassmann, Maria Leontina, Milton Dacosta e Oswaldo Goeldi.

Nesse início de carreira, destacou-se por receber diversos prêmios, como no 53º e 54º Salão Nacional de Belas-Artes (1948 e 1949), além do 1º e 3º Salão Nacional de Arte Moderna (1952 e 1954).

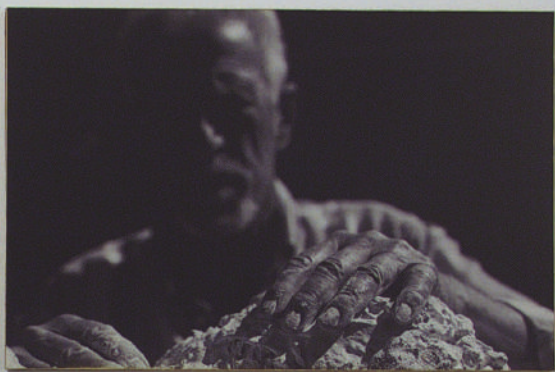
Em 1954, já casado e com dois filhos, mudou-se para o Rio Grande do Sul ao encontrar trabalho no jornal A Hora. Na imprensa de Porto Alegre, foi diagramador, caricaturista, chargista e ilustrador, passando ainda pelo jornal Folha da Tarde, no qual manteve atuação até os anos 1970.

Naturalizou-se brasileiro, oficializando Francisco em lugar de Franz. Por volta dos 40 anos, passou a lidar com as restrições da perda de audição, comunicando-se pelo restante da vida com a habilidade de quem lia lábios com desenvoltura.

Depois de um período dedicado ao desenho de imprensa e comercial, passou à gravura, ampliando sua atuação profissional, e logo constituindo uma importante obra em xilogravura (gravura com matriz em madeira).



## (XICO) STOCKINGER



Retomou a escultura nos anos 1960, quando ganhou projeção nacional com seus "Guerreiros" em bronze e depois em ferro e madeira, tendo a seguir participado de edições da Bienal de SP.

Em 1960, foi premiado no Salão de Arte Cristã no MARGS e também realizou a primeira das diversas exposições individuais que apresentaria neste museu.

Além de artista, destacou-se por sua atuação como liderança cultural e agente do sistema artístico. Foi um dos fundadores do Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre (1961) e presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (anos 1950 e 70). E também um dos primeiros diretores do MARGS, de 1963 a 64, voltando ao cargo em 1967, quando acumulou a direção da Divisão de Artes do Departamento de Cultura do RS.

Em 1974, submetido a cirurgia cardíaca, foi recomendado a fazer repouso, o que o levou a se envolver com a cultura dos cactos, a ponto de se tornar um reconhecido estudioso e colecionador (é responsável pela identificação de pelo menos duas espécies).

Nos anos 1980, ministrou cursos no MARGS com Vasco Prado.

Nas celebrações de seus 70 e 80 anos (em 1989 e 1999), ganhou exposições individuais no MARGS.

É autor de diversas obras e conjuntos escultóricos no espaço público, no Brasil e exterior. Em Porto Alegre, destacam-se peças nos Parques Marinha do Brasil (1997) e Moinhos de Vento (1995), além dos painéis da Praça Dom Sebastião (1972), que decoram o respiradouro do Túnel da Conceição.

Juntamente com a escultora Eloisa Trégnago, é autor de uma das esculturas públicas mais famosas da cidade, instalada desde 2001 na Praça da Aliança: Carlos Drummond de Andrade, em pé, lendo para Mario Quintana, sentado em um banco.

Em seis décadas de produção, realizou dezenas de exposições individuais, além de ter participado de outras dezenas de mostras coletivas, em instituições do país e do exterior.

Morreu aos 89 anos, em 12 de abril de 2009, no domingo de Páscoa, enquanto dormia. O funeral teve lugar nestas Pinacotecas do MARGS, instituição cuja trajetória acompanha a do artista desde sua chegada ao Estado, em 1954, mesmo ano de criação do museu.

Retomou a escultura nos anos 1960, quando ganhou projeção nacional com seus “Guerreiros” em bronze e depois em ferro e madeira, tendo a seguir participado de edições da Bienal de São Paulo.

Em 1960, foi premiado no Salão de Arte Cristã no MARGS e também realizou a primeira das diversas exposições individuais que apresentaria neste museu.

Além de artista, destacou-se por sua atuação como liderança cultural e agente do sistema artístico. Foi um dos fundadores do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre (1961) e presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (anos 1950 e 70). E também um dos primeiros diretores do MARGS, de 1963 a 64, voltando ao cargo em 1967, quando acumulou a direção da Divisão de Artes do Departamento de Cultura do RS.

Em 1974, submetido à cirurgia cardíaca, foi recomendado a fazer repouso, o que o levou a se envolver com a cultura dos cactos, a ponto de se tornar um reconhecido estudioso e colecionador (é responsável pela identificação de pelo menos duas espécies).

Nos anos 1980, ministrou cursos no MARGS com o colega e amigo Vasco Prado.

Participou com grande presença da 1ª Bienal do Mercosul, em 1997.

Nas celebrações de seus 70 e 80 anos (em 1989 e 1999), ganhou exposições individuais no MARGS.

É autor de diversas obras e conjuntos escultóricos no espaço público, no Brasil e exterior. Em Porto Alegre, destacam-se peças como as instaladas nos Parques Marinha do Brasil (1997) e Moinhos de Vento (1995), além dos painéis da Praça Dom Sebastião (1972), que decoram o respiradouro do Túnel da Conceição.

Juntamente com a escultora Eloisa Tregnago, é autor de uma das esculturas públicas mais famosas da cidade, instalada desde 2001 na Praça da Alfândega: Carlos Drummond de Andrade, em pé, lendo para Mario Quintana, sentado em um banco.

Em seis décadas de produção, realizou dezenas de exposições individuais, além de ter participado de outras dezenas de mostras coletivas, em instituições do país e do exterior.

Morreu aos 89 anos, em 12 de abril de 2009, no domingo de Páscoa, enquanto dormia. O funeral teve lugar nas Pinacotecas do MARGS, instituição cuja trajetória acompanha a do artista desde sua chegada ao Estado, em 1954, mesmo ano de criação do museu.

INSTITUTO DE ARTE DO RIO GRANDE

FICHA DO ARTISTA

NOME: ... FRANCISCO STOCKINGER .....  
 NACIONALIDADE: BRASILEIRA (naturalizado) NATURALIDADE: ÁUSTRIA .....  
 NASCIDO a. 7... de agosto ..... de 1919... RESIDENTE em Porto Alegre  
 ENDEREÇO PARTICULAR Av. Jacuí, 470 - Cristal ..... FONE .....  
 ENDEREÇO PROFISSIONAL Av. Jacuí, 470 ..... FONE .....



ATIVIDADES ARTÍSTICAS

ESCUPTOR, DESENHISTA e GRAVADOR. *Xico*

Passou sua infância em Santo Anastácio, São Paulo, para onde seu pai emigrara em 1922. Seu grande sonho de voar ele realizou em 1939 entrando no aero-club do Brasil, mas somente por um curto período. Pois veio a guerra e o Brasil, tomando parte nela, já não permitia estrangeiros pilotarem aviões no seu território. Por algum tempo foi meteorologista. Por intermédio de Clovis Gracianos, a quem Xico faz amplos elogios, começou a trabalhar no atelier de Bruno Giorgi. Lá ele começou como escultor, mas depois de tres anos largou tudo e, para sobreviver procurou outras meios. Trabalhou como caricaturista em "O Popular", "Cangaceiro", "Panfleto", "Diário Carioca" e "Última Hora" do Rio. Mais tarde por através do artista plástico GHENO veio para Porto Alegre trabalhar no jornal "A HORA". Com a mulher e dois filhos, instalou-se na Rua Pelotas, dividindo-se entre a diagramação de jornal e as primeiras experiências em gravura, técnica que tinha apreendido com Grassman e Goeldi. Durante tres anos dedicou todas as noites a gravura. Todo o dinheiro que entrava, aos poucos, era destinado a compra de material para a escultura. Francisco Stockinger considera a escultura a mais exigente e a mais dispendiosa maneira de expressar-se. Seu nome como artista começou a tornar-se conhecido através de salões e coletivas. Avesso as individuais levou 15 (quinze) anos para fazer a primeira. Sua última individual na Oficina de Arte (março de 1977) é feito com um intervalo de 7 anos. Stockinger está há mais de 20 anos radicado em Porto Alegre. Já foi Diretor do MARGS, fundador do Atelier Livre da Prefeitura, Presidente da extinta Associação Francisco Lisboa e Diretor da Divisão de Cultura. Durante muito tempo trabalhou como "chargista" da Caldas Junior, paralelamente, com seu trabalho artístico.

(55) 1979

A arte do escultor Xico Stockinger é normalmente identificada com os guerreiros metálicos. Mas isto agora se transformou em apenas mais uma fase na sua vida artística, que passa agora a buscar inspiração nas formas da natureza, para moldá-las em pedra.

# Repouso dos guerreiros nas esculturas de Xico

Agência Focornetto Foto: Anís Hoffmann

Francisco Stockinger passa os dias voltado para si e para sua arte. A surdez o ajuda na criação de suas esculturas em bronze, pedra e ferro soldado. Do seu mundo silencioso brota uma pessoa amiga, alegre e de bem com a vida. Uma paixão é a sua coleção de cactos, que ele chama de "cactos-terapia". Stockinger é muito conhecido pelos guerreiros que esculpa, mas agora está mais dedicado às esculturas em pedra. "É o repouso do guerreiro, cansei destes vinte e tantos anos de guerra", diz Xico Stockinger.



agora a coisa está mais calma, dedico-me mais as pedras".

Em 1947 ele morava no Rio de Janeiro, tinha 27 anos e já gostava muito de desenhar, estudou três anos com Breno Jorge, "que não era bem um professor, tinham muitos

é a mais cara das artes pois requer máquinas e espaço. Xico Stockinger hoje tem uma fundição em Vila Nova, que usa em conjunto com os amigos como Vasco Prado entre outros. "Aqui no sul os escultores se dão muito bem entre si, o que surpreen-

Uma grande vida de Stockinger cultivado dos cactos as mais incríveis pelo interior do de do Sul, An Uruguai na busca cistes raras. A ide destes cactus é- vés de correntes e holandeses porque no Brasil se tem grande coi to sobre as especi

O gosto de S pelos cactus em 1974 quando, er Aires, comprou exemplares desta Algum tempo d teve um problem ção e fez uma implantando trê de safena. Passou na cama com "tentei ler Dostoi não consegui, dai ressei por plan muito sobre este

# A trajetória de Stockinger



Escultura de Xico no Masp

O Masp promove, até próximo dia 22 de agosto, mostra inédita do artista brasileiro de origem austríaca Francisco Stockinger, morto no ano passado. A retrospectiva "O Descaço do Guerreiro" reúne 67 obras, entre esculturas de médio e grande porte, objetos utilitários, xilogravuras e desenhos, inclusive um retrato do artista feito por Flávio de Carvalho. A mostra tem concepção e coordenação-geral de Fábio Coutinho e curadoria de Maria Alice Millet.

O objetivo da mostra é apresentar uma ampla visão da produção de quase seis décadas do artista. Nome de referência na escultura brasileira, Stockinger tem obras conhecidas do grande público, como as instaladas na Praça da Sé, em São Paulo, no Parque da Escultura no Rio de Janeiro e na Praça da Alameda, em Porto Alegre, onde estão retratados os poetas Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana. O nome da exposição "Descaço do Guerreiro" faz alusão a uma de suas obras, de 1961, que também poderá ser conferida pelo público.

Além do bronze e do mármore, Stockinger usa madeira, ferro, barro e gesso para criar o extrato de heróis e mulheres que permeiam seu universo criativo. Na retrospectiva apresentada pelo Masp, os visitantes podem apreciar peças das séries "Guerrie-

ros", "Sobreviventes" e "Galibris". Nesta última artista retrata o homem gabiru como o nor franzino que leve seus sonhos esmagados e séria dos que vivem em meio à seca. O portu biru de Stockinger, que se alimenta do pró



Xilogravura de Stockinger também integra acervo e

barro do Crifal. Uma es tura que busca a máxima simplicidade da forma: blocos de granito negro, são as texturas por estar separados por um conjunto peças de aço inoxidável. É a sua última série, que se aos Guerreiros e Tou ique continuam sendo feitos os grandes blocos de már pnia. Mas esse material não é mais usado (já que difícil de ler - o de Carr deviana gravitável - o bela granito) e mistura, pedra - palha com o inoxidável ou cruzado. C ele diz: "Tudo é a evolução que 10 anos de ritual chegando - ao uso de 9 materiais, de acordo com época - e minha possibilidade de trabalho". (LUIZ CAR LISBOA)

# Escultura ganha a rua



SEXTA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 1966



## STOCKINGER HOJE NO MARGS

1830 horas de hoje a galeria de arte do MARGS (salão de Teatro São Pedro) está inaugurando uma exposição de trabalhos do escultor Francisco Stockinger. O artista, nascido em Porto Alegre, começou em 1947 com uma série de trabalhos em madeira, ferro, barro e gesso. Hoje ele trabalha com pedra e ferro, criando obras de grande porte e de grande impacto visual.

## A ARTE

PARA o público viajar é sempre interessante a estrutura moderna. A arquitetura e o design são as "vidas" de uma sociedade cultural difusa, sendo, sem dúvida, a arte da sociedade, que se manifesta, à representação da "cidade". Francisco Stockinger, no entanto, sempre que entra numa exposição, busca encontrar a essência humana que pode ser apreendida, apesar da técnica e da técnica, segundo o critério da sensibilidade ou da grandeza estética.

Este aspecto formal da obra plástica vem, entretanto, também

# Quem é quem na obra de Xico

Cabeças famosas esculpidas em bronze por Stockinger ganham exposição hoje

A ideia de esculpir cabeças de personalidades e de pessoas próximas em bronze era uma antiga aspiração de Xico Stockinger. Surgiu em 1949 quando, aos 30 anos, ele reproduziu a própria esposa, Yolda. Hoje, 13 peças compõem o Projeto Cabeça, que será exposto na Galeria de Arte St. até 11 de dezembro, com vernissage às 21h. O projeto - idealizado pela neta Lianara Stockinger e coordenado por Renato Rosa - integra as homenagens aos 80 anos do escultor. Paralelamente serão mostrados, também de Xico, abstratos em mármore de carreira.

Luiz Varruando Verissimo foi o primeiro modelo a ser retratado, dia 29 de maio último, tendo sido o mesmo nome martelado em sigilo, e somente divulgado no momento em que as peças iam ficando prontas. Dessa forma foram surgindo as cabeças de Paulo Autran, Zeca Amarel, Moacir Zedochiliver, Carlos Schmidt, Nora Teixeira, Eva Sopher, Jorge Johannpeter, Sophia Iedra, Leonilda Iedra, Olivier Dutra, Paulo Brossard, Matias Krenfeld, Fernando Luchesi e Inese Sirotsky.

### Repouso do guerreiro

O retrato é uma arte de encomenda, de interesses implícitos entre os campos da cultura e do poder. Entretanto, conforme a crítica Mônica Zielinska, os retratos de Xico não se restringem a isso. "Ao contrário, estas imagens em bronze marcam a superação destas transações e buscam, além delas, a paradoxal evocação da perenidade da vida". São cabeças de diferentes personalidades inseridas na sociedade portu-alegrense, e que almejam ter sua imagem retida, ou foram esculpidas pelo próprio artista. "Todas vigorosas em sua estrutura e densas de expressão - continua Mônica - fazem como se não o tempo fosse compelido a se fixar".

Relativamente às esculturas abstratas de Stockinger, criadas em mármore, Zielinska diz que "elas são o seu repouso, quando não mais se cre nas utopias de transformação do mundo". É como se nestas obras o vasculhar se entregasse ao descompromisso, embora haja nelas inúmeras evocações das tensões humanas.

Cabeças e abstratos podem ser vistos a partir de amanhã na Galeria de Arte 450, das 11 às 21h.



Uma das personalidades que passaram pelo atelier de Xico é o jurista Paulo Brossard

1830 horas de hoje a galeria de arte do MARGS (salão de Teatro São Pedro) está inaugurando uma exposição de trabalhos do escultor Francisco Stockinger. O artista, nascido em Porto Alegre, começou em 1947 com uma série de trabalhos em madeira, ferro, barro e gesso. Hoje ele trabalha com pedra e ferro, criando obras de grande porte e de grande impacto visual.

# Stockinger no Masp

ventes" e "Gabirus". Nesta última, o homem gabirus como o nordestino e seus sonhos esmagados pela miséria em meio à seca. O homem gabirus, que se alimenta do próprio ra-

to-pretu, não é mais homem — perdeu toda a esperança de viver de modo digno.

Destaque também para a série "Magrinhas", uma das últimas esculturas pelo artista, em 2003. Ela inclui sete detalhadas esculturas de bronze de até 2,2 metros de altura. Buscando ampliar a visão do observador para além do objeto estático, as séries exibidas no Masp mostram o que há de mais significativo na obra do artista, possibilitando uma ampla visão de um trabalho que começou no final dos anos 40, no Rio de Janeiro, e se estendeu até a década de 2000 em Porto Alegre.

Escultor, gravurista e chargeiro, Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.



Também integra acervo exposto no museu

hairro do Criciúma. Uma escultura que busca a máxima de simplicidade da forma, dois blocos de granito negro, que são se integram por serem separados por um conjunto de peças de aço inoxidável. Essa é a sua última série, que segue aos "Guerrilha" e "Tombos" que continuam sendo feitos e os grandes blocos de mármore puro. Mas esse material nobre não é mais usado (já que é difícil de ter o de Carreza, devemos aproveitar o máximo dele) e mistura a pedra-pálida com o aço inoxidável ou cromado. Como ele diz: "Tudo é a evolução de quase 10 anos de escultura, chegando ao uso de novos materiais, de acordo com uma época e a minha possibilidade de trabalho" (LUIZ CARLOS LISBOA)

## Francisco Stockinger: A Escultura em Ação



Na Idade do Bronze, a Tragédia

Carlos Scarinci | 02/Dez/13/5/64

**A OBRA DE FRANCISCO STOCKINGER**

Político de escultura, Manuel Assis disse, esta vez que a arte que mais impulsiona trabalhos, idealizações e impulsionamentos Stockinger, a escultura e a obra física das artes. Por isso mesmo, talvez a melhor obra do artista seja Francisco Stockinger que, vivendo com apreciações obtidas do seu uso que vive, com falta de estilo acadêmico que a para vividos e propósitos de trazer uma obra de arte que não se limita a ser apenas uma obra de arte, mas sim, uma obra de arte que se limita a ser apenas uma obra de arte.

Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.

# Stockinger Recusa o Convite da X Bienal

O escultor Francisco Stockinger — radicado entre nós — recebeu convite para participar de uma das salas especiais da X Bienal de São Paulo, a inaugurar-se em setembro. A sala é chamada "Etapas" e reúne quinze artistas famosos de todo o Brasil.

No entanto, conforme as próprias palavras de Stockinger: — Diante das circunstâncias que envolvem esta Bienal, recusei o convite, embora o considerasse sumamente honroso.

**NORUEGA NA BIENAL PAULISTA**

OSLO (SIN) — Quatro artistas representarão a Noruega na X Bienal de São Paulo que será inaugurada em setembro próximo. São eles a pintora Anna-Eva Bergman, os gráficos Trond Botnen e Arno Malmedal, bem como o escultor Arno Vlasje Gummerud. A representação norueguesa consistirá de 73 obras no todo, sendo 16 telas, 45 gravuras e 12 esculturas, que ocuparão 360 metros quadrados.

"Será esta a maior representação artística que a Noruega jamais enviou para uma mostra internacional. Na opinião dos peritos a Bienal de São Paulo é, no seu gênero, considerada a mais importante do mundo". As palavras são do comissário administrativo da Seção Norueguesa, o pintor Per Romfeldt, diretor da Associação de Arte de Bergen, Noruega.

Foi nomeado Comissário de Honra, Alf Arneson, Rio de Janeiro que durante muitos anos coordenou a participação norueguesa na Bienal de São Paulo.

A Seção da Noruega da X Bienal de São Paulo está sendo organizada pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores da Noruega, Oslo.

Um catálogo artístico e ilustrado, obra do desenhista Arvid Reikvam, Bergen, estará à disposição do público que visitar a Sala da Noruega na X Bienal.



## Stockinger na Pinacoteca

O escultor de 86 anos inaugura, em São Paulo, exposição que reúne cem peças recentes em bronze

**A ARTE DE STOCKINGER**

Na Idade do Bronze, a Tragédia

Carlos Scarinci | 02/Dez/13/5/64

**A OBRA DE FRANCISCO STOCKINGER**

Político de escultura, Manuel Assis disse, esta vez que a arte que mais impulsiona trabalhos, idealizações e impulsionamentos Stockinger, a escultura e a obra física das artes. Por isso mesmo, talvez a melhor obra do artista seja Francisco Stockinger que, vivendo com apreciações obtidas do seu uso que vive, com falta de estilo acadêmico que a para vividos e propósitos de trazer uma obra de arte que não se limita a ser apenas uma obra de arte, mas sim, uma obra de arte que se limita a ser apenas uma obra de arte.

Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.

ZERO HORA PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2009

# Segundo Caderno

Editor: Telmar Duarte - Tel: 3225-4351 - Email: caderno@zero Hora.com.br

## Xico Stockinger foi velado no Margs

**EDUARDO VERAS**

O Brasil perdeu no domingo de Páscoa um dos artistas que consolidaram no país a escultura de matriz expressionista. Francisco Alexandre Stockinger inscreveu seu nome na história da arte nacional ainda nos anos 1960 e 1970 ao dar forma a guerrões e touros que impressionavam pela sua contundência afirmativa. Não eram esculturas arcaicas, para se detetar e achar bonito, mas para provocar reações, forjadas a ferro e madeira.

Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.

## O escultor por Ferreira Gullar

Ferreira Gullar e Xico Stockinger nunca se conheceram pessoalmente. Mas o poeta e crítico de arte maranhense conheceu bem a obra do escultor brasileiro, naturalizado brasileiro e radicado no Rio Grande do Sul. Depois de presenciar algumas das exposições do artista, Gullar foi convidado, no ano passado, a escrever o perfil do livro do fotógrafo Luis Eduardo Adams, *Alma e Encarnação - Xico Stockinger por Adams*, que reúne imagens de artistas em seu ateliê e de suas esculturas. Em vez do texto prometido, Gullar fez um poema (título: *Insólito*). No mundo de ontem, pouco depois de haver sido informado da morte do escultor, Gullar deu um depoimento a Zero Hora sobre que significa esta perda para a arte brasileira.

"Xico Stockinger era um escultor de muita qualidade, um dos melhores contemporâneos nossos. Tinha uma linguagem própria, clara que explorava uma escultura de caráter figurativo, uma linguagem hoje tratada por outros artistas, mas com um tom muito pessoal. Inclusivo a *Insólito* de trabalhar quase como um forjador, um ferreiro impregnou seu trabalho de um caráter muito próprio porque essas coisas não acontecem em sala de aula. É uma perda. A arte brasileira perdeu um artista significativo".

## A perda

Manoel por crianças de hoje com grande e humana, a natureza primitiva, fundadas de infância vivida, se apresenta como o princípio do homem moderno, derivado pela força de gravidade e natureza, mas preso de um destino mortal. É a arte e movimento, a vida da tragédia.

A escultura de Francisco Stockinger brasileira, por isso mesmo, não possuiu originalidade da cultura, para ser derivado das ideias e movimentos de outros artistas, mas sim, uma obra de arte que se limita a ser apenas uma obra de arte.

Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.



Além disso, cada escultura, cada obra de arte, é uma expressão de uma personalidade e de um momento histórico. Cada obra de arte tem uma história diferente de sua origem, de sua criação, de sua recepção e de sua interpretação. Cada obra de arte é uma expressão de uma personalidade e de um momento histórico. Cada obra de arte tem uma história diferente de sua origem, de sua criação, de sua recepção e de sua interpretação.

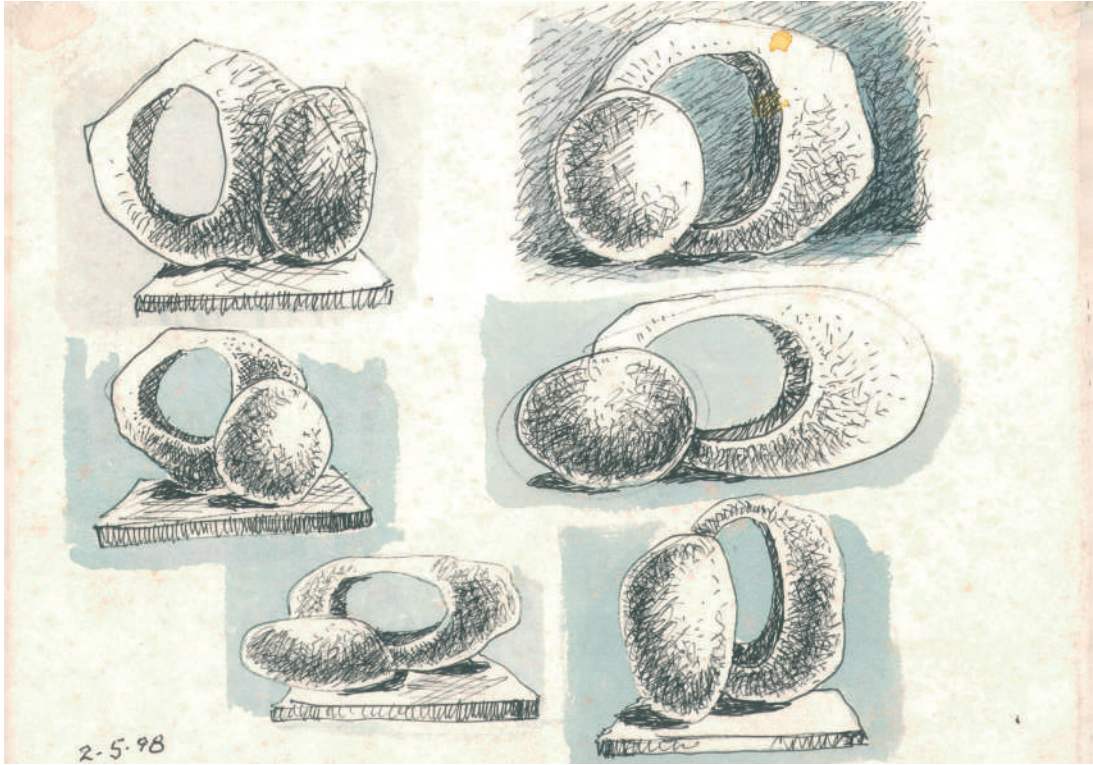
Stockinger nasceu em Traun, Áustria, e aos 2 anos de idade veio com a família para Santa Anastácio, interior de São Paulo. Iniciou seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1946, trabalhando por três anos no estúdio de Bruno Giorgi. Na década de 50 se mudou para Porto Alegre e naturalizou-se brasileiro em 1956, quando foi eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi fundador e diretor do Atelier Livre da Prefeitura, inaugurado em 1961. Dois anos depois, instalou uma escultura em praça pública em São Paulo, sob encomenda do embaixador Assis Chateaubriand. Também foi diretor do Museu de Artes do RS e participou de inúmeras mostras coletivas.

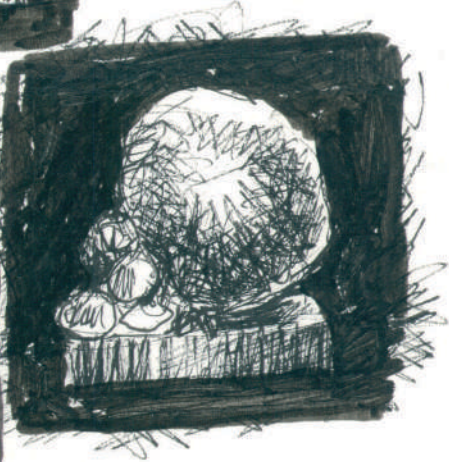
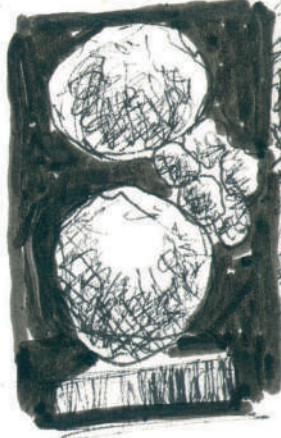
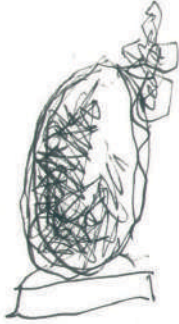






3





# PROGRAMA PÚBLICO

**A exposição “Stockinger 100 anos” contou com um programa público de atividades, envolvendo a ação educativa do MARGS e a programação da Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (AAMARGS).**

**No dia 31.08.2019, o Núcleo Educativo do MARGS realizou o evento “Stockinger: um olhar psicanalítico sobre a condição humana”, uma parceria com o Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP). A programação se iniciou com uma visita mediada à exposição, tendo a participação da coordenadora do Núcleo Educativo, Carla Batista, e do diretor-curador do MARGS, Francisco Dalcol, também curador da exposição. Na sequência, o público foi convidado para uma conversa no auditório do museu, com a participação das psicanalistas Ellen Bornholdt Epifanio e Heloísa Cunha Tonetto, mediada por Márcia Gonçalves Munhoz (IEPP) e Carla Batista (MARGS).**

**No dia 19.10.2019, a artista Karina Nery ministrou a “Oficina de dobraduras: pensando o 2D e o 3D”. Em diálogo com a exposição, trabalhou-se com as crianças o raciocínio da escultura, desde seu projeto-desenho até o objeto. E no dia 22.10.2019, a AAMARGS realizou no auditório do museu uma sessão pública e comentada do filme “Xico Stockinger” (2012), do cineasta Frederico Mendina. A exibição, que integrou a programação do projeto “Conversas no museu”, foi seguida de debate com o diretor do filme, mediado por Francisco Dalcol.**

PROGRAMA PÚBLICO  
**STOCKINGER**  
100 ANOS

M | A | R | G | S

NÚCLEO EDUCATIVO MARGS E INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA EM PSICOTERAPIA (IEPP) APRESENTAM

**UM OLHAR PSICANALÍTICO  
SOBRE A CONDIÇÃO HUMANA**



Francisco Stockinger, série "Galinas", acervo Francisco de A. B. Locatelli. Foto: Milton Samolin

**31.08.2019**  
Sábado

14h-14h30  
Visita mediada à exposição "Stockinger 100 anos"

14h30-16h  
Conversa no auditório com as psicólogas Ellen Bornholdt Epifanio e Heloisa Cunha Tonetto, mediada por Márcia Gonçalves Munhoz (IEPP) e Carla Batista (MARGs)

A Associação dos Amigos do MARGs (AAMARGs) convida para o evento

**conversas  
no  
MUSEU**

**Sessão comentada do filme  
"Xico Stockinger"**

Com o diretor **Frederico Mendina**  
Mediação Francisco Dalcol

**22.10.2019, às 16h**

**Auditório do MARGs**  
ENTRADA FRANCA\*

\*Vagas limitadas a 60 lugares por ordem de chegada

Informações: (51) 3211-5736 | aamargs@margs.rs.gov.br

PROGRAMA PÚBLICO  
**STOCKINGER**  
100 ANOS









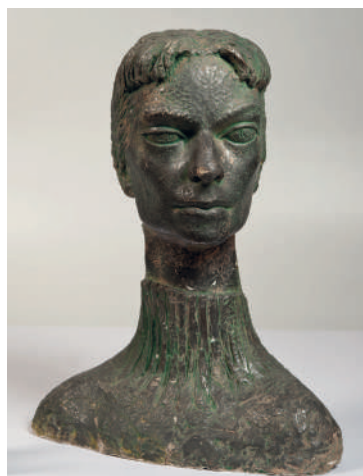
# OBRAS DO ACERVO

O acervo artístico do MARGS conta com mais de 5 mil obras de arte. Francisco Stockinger é um dos artistas mais bem representados nesse conjunto, com 64 itens.

As primeiras aquisições de suas obras ao acervo do museu se deram em 1955, um ano após a criação do MARGS, e depois ocorreram novamente em 1960. As incorporações prosseguiram nas décadas seguintes, chegando às obras que tiveram entrada mais recente, adquiridas após a sua morte, ocorrida em 2009.

Além da presença quantitativa no acervo do museu, Stockinger também está muito bem representado qualitativamente, sobretudo pela diversidade das obras, cujo conjunto contempla peças significativas e exemplares dos diversos momentos, técnicas, segmentos e vertentes que abrangem sua vasta e extensa produção.

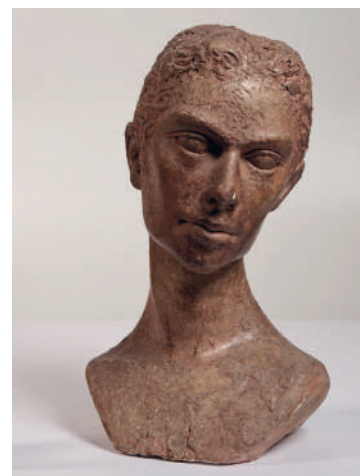
Nas próximas páginas, apresentamos as 50 obras do acervo do MARGS trazidas a público na exposição “Stockinger 100 anos”. A seguir, constam as fichas técnicas das demais obras reunidas, estas procedentes de outras coleções, assim como dos demais artistas que integraram a exposição.



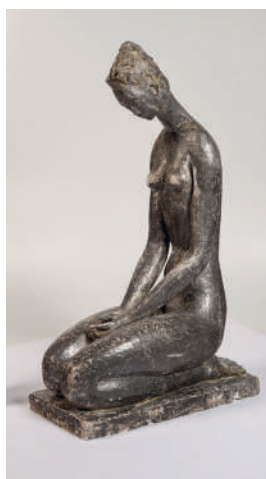
**Busto**, s.d.  
Gesso patinado, 43 x 35 x 20 cm  
Aquisição por Prêmio Aquisição,  
1955



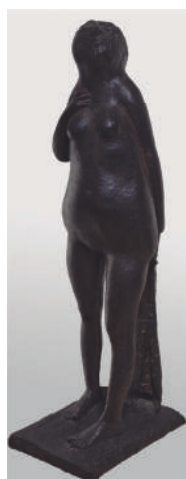
**Busto de Jorge Sirito**, 1950  
Gesso, 40 x 19 x 23 cm  
Peça única  
Aquisição por doação de Jorge  
Sirito de Vives, 2017



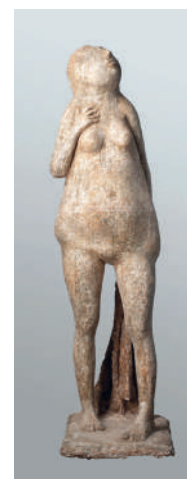
**Cabeça**, 1954  
Gesso patinado, 42 x 20 x 22 cm  
Aquisição por compra, 1955



**Figura**, 1949  
Gesso patinado, 61 x 17 x 38 cm  
Aquisição por compra, 1955



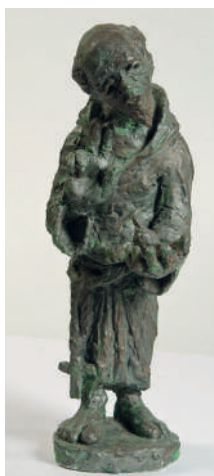
**Sapa: reprodução**, 2001  
Bronze patinado, 171 x 47 x 64 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



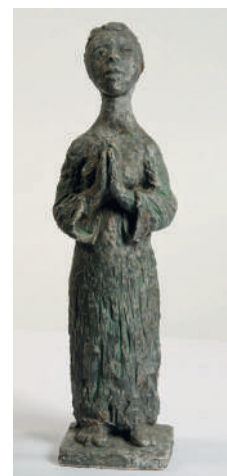
**Sapa**, 1960  
Gesso, 175 x 47 x 62 cm  
Aquisição através do 1º Prêmio no  
Festival de Arte Contemporânea –  
SEC, 1960



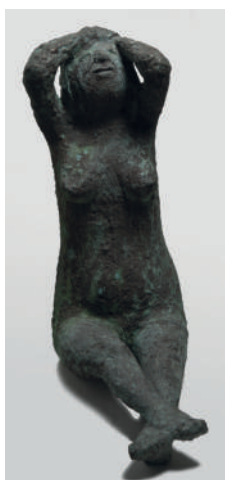
**São João Batista**, 1959-1960  
 Bronze fundido, 45 x 21 x 16 cm  
 Edição: 2/6  
 Aquisição por doação de Daniel  
 Schneider Chaieb, 2016



**São Francisco**, s.d.  
 Gesso patinado, 44 x 13 x 12 cm  
 Aquisição através do Salão de Arte  
 Cristã, 1960



**Prece**, s.d.  
 Gesso patinado, 45 x 11 x 11 cm  
 Aquisição por compra, 1955



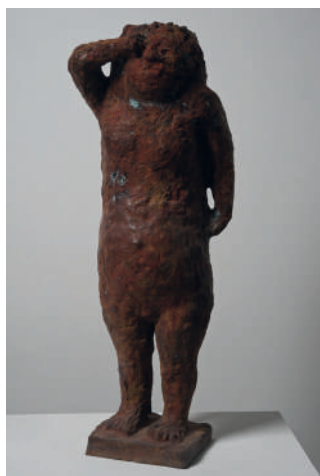
**Sem título - da série Gabirus**, 1996  
 Bronze, 88 x 45 x 26 cm  
 Aquisição por doação de Jorge  
 Gerdau Johannpeter e Justo  
 Werlang, 1999



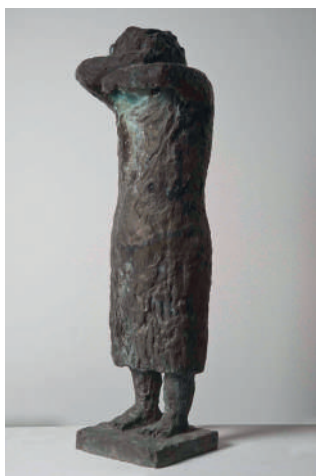
**Sem título - da série Gabirus**, 1996  
 Bronze, 37 x 26 x 48 cm  
 Aquisição por doação de Jorge  
 Gerdau Johannpeter e Justo  
 Werlang, 1999



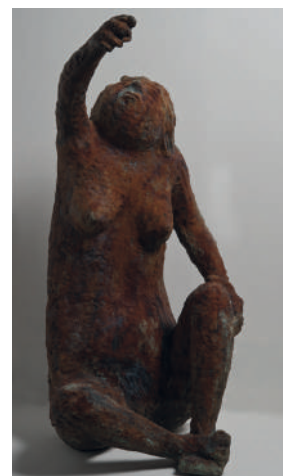
**Sem título - da série Gabirus**, 1996  
 Bronze, 157 x 45 x 25 cm  
 Aquisição por doação de Jorge  
 Gerdau Johannpeter e Justo  
 Werlang, 1999



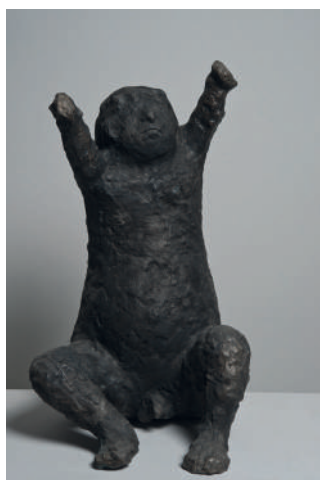
**Sem título - da série Gabirus, 1996**  
Bronze, 76 x 34 x 33 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



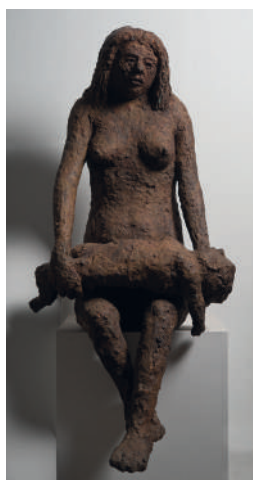
**Sem título - da série Gabirus, 1996**  
Bronze, 91 x 26 x 20 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



**Sem título - da série Gabirus, 1996**  
Bronze, 95 x 43 x 45 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



**Sem título - da série Gabirus, 1996**  
Bronze, 63 x 34 x 33 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



**Sem título - da série Gabirus,**  
1996  
Bronze, 137 x 61 x 55 cm  
Aquisição por doação de Jorge  
Gerdau Johannpeter e Justo  
Werlang, 1999



**Sem título**, s.d.  
Mármore belga, 42 x 66 x 25 cm  
Aquisição por doação da Fiat S.A.,  
2002



**Sem título**, s.d.  
Mármore carrara, 34 x 50 x 25 cm  
Aquisição por doação da Fiat S.A.,  
2002



**Sem título**, s.d.  
Mármore carrara, 47 x 23 x 19 cm  
Aquisição por doação da Fiat S.A.,  
2002



**Sem título**, s.d.  
Basalto vermelho, 25 x 13 x 43 cm e  
15 x 21 x 9 cm  
Aquisição por doação da Fiat S.A.,  
2002



**Sem título**, s.d.  
Mármore, 76 x 29.5 x 30 cm



**Guerreira**, s.d.  
Ferro e madeira, 104 x 20 x 18 cm  
Aquisição por doação da Fiat S.A.,  
2002



**Guerreiro**, 2008  
Sucata de metal e madeira, 335 x  
100 x 50 cm  
Aquisição através do projeto  
realizado por Luiz Eduardo  
Robinson Achutti, com patrocínio  
de Copesul/Braskem, Banrisul e  
Caixa RS, 2008



**Guerreiro**, s.d.  
Bronze, 75 x 11,5 x 9 cm  
Aquisição por doação de Artes  
Monte  
Forte Ltda., 1977



**Sobrevivente**, 1971  
Ferro, osso, madeira, 106 x 63 x 36 cm  
Aquisição por doação do artista, 1986



**Sem título**, Reedição 2008/2009  
Xilogravura, 32 x 41 (25 x 35.5) cm  
Aquisição através de acordo  
judicial de terceiros, 2012



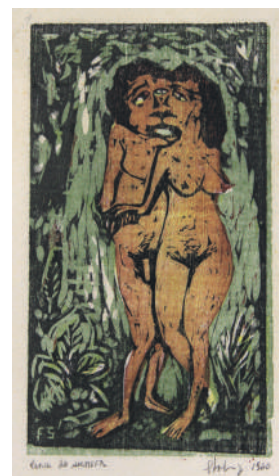
**Sem título**, Reedição 2008/2009  
Xilogravura, 32,5 x 28 (24 x 20) cm  
Aquisição através de acordo  
judicial de terceiros, 2012



**Sem título**, 1959  
 Xilogravura, 29 x 21.5 (29 x 19.9) cm  
 PA  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título**, 1960  
 Xilogravura, 42.5 x 25.5 (36.2 x 21.7)  
 cm  
 Edição 1/20  
 Aquisição por compra, 1960



**Sem título**, 1960  
 Xilogravura, 32 x 20.9 (26.5 x 13.9)  
 cm  
 PA  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título**, 1959  
 Xilogravura, 35.5 x 21.4 (31.9 x 18) cm  
 Edição 4/20  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título**, 1954  
 Xilogravura, 28.5 x 30 (23.5 x 23.8)  
 cm  
 PA  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título**, 1960  
 Xilogravura, 30.5 x 26.5 (25 x 19.9)  
 cm  
 PA  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título**, 1960  
Xilogravura, 32.5 x 21 (23.7 x 19.8)  
cm  
PA  
Aquisição por doação do artista,  
1987



**Sem título**, 1957  
Xilogravura, 22.5 x 30.5 (10.5 x 22)  
cm  
PA  
Aquisição por doação do artista,  
1987



**Sem título**, 1993  
Litogravura, 47.8 x 33 (37 x 20) cm  
Edição 51/75  
Aquisição por doação de Márcia  
Stypulkowski, 2001



**Sem título**, 1960  
Xilogravura, 44.5 x 23.8 (38.2 x 19.8)  
cm  
Aquisição por compra, 1960



**Sem título**, 1959  
Xilogravura, 47.2 x 29.7 (43.5 x 24.5)  
cm  
PA  
Aquisição por doação do artista,  
1987



**Sem título**, 1991  
Litografia, 50 x 34.5 (27.7 x 19.6) cm  
BPI





**Sem título, s.d.**  
 Xilogravura, 30.9 x 22 (22 x 18.6) cm  
 Edição 51/100  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título, s.d.**  
 Xilogravura, 30 x 21.4 (21.5 x 18.4) cm  
 Edição 3/50  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título, 1959**  
 Xilogravura, 47.5 x 29.5 (22.2 x 18.5)  
 cm  
 PA  
 Aquisição por doação do artista,  
 1987



**Sem título, Reedição 2008/2009**  
 Xilogravura, 45.7 x 31.5 (30.5 x 19.5)  
 cm  
 Aquisição através de acordo  
 judicial de terceiros, 2012



**Sem título, Reedição 2008/2009**  
 Xilogravura, 48.5 x 40 (29.2 x 20) cm  
 Aquisição através de acordo  
 judicial de terceiros, 2012



**Sem título**, 1959

Xilogravura, 29 x 21.3 (22.5 x 18.2)  
cm

PA

Aquisição por doação do artista,  
1987



**Sem título**, 1980

Litografia, 34,5cm x 24,4cm

Aquisição por doação de Susana  
Figueira dos Santos, 2017



**Sem título**, Reedição 2008/2009

Xilogravura, 58.5 x 40.4 (49.5 x 29.3)  
cm

Aquisição através de acordo  
judicial de terceiros, 2012



**Sem título**, Reedição 2008/2009

Xilogravura, 66 x 39.5 (58 x 30) cm

Aquisição através de acordo  
judicial de terceiros, 2012



**Cristo**, 1958

Xilogravura, 54 x 36 cm

Edição 3/10

Aquisição por doação de Paulo  
Moritz, 1990

## OBRAS DE OUTRAS COLEÇÕES

Cavalo e cavaleiro, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
160 x 68 cm  
Coleção Carlos Schmidt/Guion Arte

Sem título, década 1940  
Madeira  
63 x 50 x 15 cm  
Coleção Carlos Schmidt/Guion Arte

Rei, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
160 x 40 x 30 cm  
Coleção Daniel Chaieb

Guerreira, 1985  
Madeira e ferro soldado  
142 x 31 x 26 cm  
Coleção Daniel Chaieb

Guerreiro, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
250 x 52 x 52 cm  
Coleção Daniel Chaieb

Magrinha, década 2000  
Bronze  
208 x 40 x 36 cm  
Coleção Daniel Chaieb

Magrinha, década 2000  
Bronze  
200 x 40 x 38 cm  
Coleção Daniel Chaieb

Sem título, 2000  
Madeira e ferro soldado  
105 x 52 x 20 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, 1994  
Madeira e ferro soldado  
136 x 81 x 37 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
43 x 18 x 20 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
33,5 x 14 x 14 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
33 x 23,5 x 18 cm  
32,5 x 24 x 17,5 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
42 x 28,5 x 18 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
22 x 21,5 x 23 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
32,5 x 14,5 x 9 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
37 x 22,5 x 13,5  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, s.d.  
Pedra  
23 x 28 x 11,5 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

Sem título, 2002  
Bronze  
183 x 98,5 x 39,5 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Figura masculina, 1988  
Madeira e ferro soldado  
130 x 65 x 22 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Guerreiro, 1981  
Madeira e ferro soldado  
121 x 53 x 27,5 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Sem título, 2005  
Bronze  
100 x 46 x 18 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Sem título, 1952  
Bronze  
48 x 10 x 13 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Eva, 1957/1958  
Pedra-sabão  
43,5 x 13,5 x 16 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Guerreiro, 2004  
Madeira e ferro soldado  
191 x 83,5 x 43 cm  
Coleção Francisco e Itamara Stockinger

Casal de guerreiros, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
167 x 52 x 20 cm  
Coleção Galeria Bolsa de Arte

Guerreira, 1981  
Madeira e ferro soldado  
190 x 102 x 38,5 cm  
Coleção Galeria Bolsa de Arte

Guerreiro, 1991  
Madeira e ferro soldado  
131 x 54,5 x 24,5 cm  
Coleção Galeria Bolsa de Arte

Sem título, 1965  
Bronze  
70 x 17,5 x 12 cm  
Coleção particular

Sem título, década 1970  
Bronze  
56 x 18 x 11,5 cm  
Coleção particular

Sem título, 1985  
Alabastro  
49 x 34 x 25 cm  
Coleção Justo Werlang

Sem título, 1986  
Alabastro  
46 x 22 x 21 cm  
Coleção Justo Werlang

Guerreira, 1991  
Madeira e ferro soldado  
188 x 55 x 34 cm  
Coleção particular

Sem título (série Nus femininos),  
1995  
Bronze  
228 x 43 x 43 cm  
Coleção particular

Sem título (série Sem terra), 1998  
Bronze  
160 x 42 x 26 cm  
Coleção Justo Werlang

Sem título (série Sem terra), 1998  
Bronze  
112 x 30 x 20 cm  
Coleção Justo Werlang

Touro, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
45 x 110 x 31 cm  
Coleção particular

Guerreiro, 1991  
Madeira e ferro soldado  
246 x 56 x 39 cm  
Coleção particular

Touro, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
45 x 110 x 31 cm  
Coleção particular

Guerreira, 1966  
Madeira e ferro soldado  
113 x 102 x 14 cm  
Coleção Liba e Rubem Knijnik

Figura feminina, 1959  
Madeira  
85 x 19 x 9 cm  
Coleção Liba e Rubem Knijnik

Mármore, década 1970  
Mármore  
50 x 20 x 23 cm  
Coleção Liba e Rubem Knijnik

Guerreiro, s.d.  
Bronze  
90 x 13 x 7 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

A mulher, s.d.  
Madeira e ferro soldado  
85 x 17 x 13 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Sem título I/III – da série Gabirus,  
1996  
Bronze  
126 x 33 x 25 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Sem título II/III – da série Gabirus,  
1996  
Bronze  
125 x 40 x 28 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Sem título III/III – da série Gabirus,  
1996  
Bronze  
133 x 48 x 25 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Retirantes, 1958  
Xilogravura (PA)  
21,2 x 36,3 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Retirantes 5, 1958  
Xilogravura (2/100)  
27 x 39 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Sem título, s.d.  
Xilogravura (7 PA)  
38 x 25,5 cm  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli

Guerreiro, s.d.  
Ferro  
80 x 15 x 10 cm  
Coleção Pinacoteca Barão de Santo  
Ângelo

Sra. Tereza Zukauskas (Dona Branca),  
1955  
Gesso  
45,5 x 39 cm  
Coleção Pinacoteca Barão de Santo  
Ângelo

## OBRAS DE OUTROS ARTISTAS

**ACHUTTI**  
Porto Alegre/RS, 1959  
Sem título (Stockinger), 1996  
Fotografia  
67 x 100 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

**ELOISA TREGNAGO**  
Bento Gonçalves/RS, 1958  
Sem título (Francisco Stockinger),  
s.d.  
Gesso  
42 x 24 x 18 cm  
Coleção Eloisa Tregnago

**IBERÊ CAMARGO**  
Restinga Seca/RS, 1914 – Porto  
Alegre/RS, 1994  
Xico, 1987  
Lápis stabilotone sobre papel  
35 x 25 cm  
Coleção Fundação Iberê Camargo

**VASCO PRADO**  
Uruguaiana/RS, 1914 – Porto Alegre/  
RS, 1998  
Cabeça de Xico Stockinger, 1983  
Terracota  
41 x 24,5 x 20 cm  
Coleção Carlos Schmidt/Guion Arte

# ENGLISH VERSION

## CURATORIAL TEXT

Acclaimed as one of the most established references of art in Rio Grande do Sul, Francisco Stockinger (1919–2009) is also recognized as one of the most important representatives of art sculpture in Brazil. As a skillful drawing artist and craftsman, he sculpted in plaster, wood, metal and stone, also working with ease in engraving, drawing, illustration, cartoon and caricature.

In the 1950s, following the opposite of the traditional way — from the center to the province —, he moved from Rio de Janeiro to Porto Alegre, a city where he would spend his life, becoming an important personality of the cultural scene with his strong and active presence. Besides being an artist, he played a major role as an agent in Rio Grande do Sul's art system, by engaging in collective causes as the head of cultural institutions such as MARGS, Free Atelier (Atelier Livre de Porto Alegre) and Chico Lisboa Association.

Alongside Iberê Camargo and Vasco Prado, Stockinger formed the tripod of greater projection of modern art in Rio Grande do Sul, acting as a type of Holy Trinity to the state's visual arts. They shared a certain vision in the modern artistic approach, especially when it comes to human condition, whether in its social or existential dimension.

Stockinger was a crucial figure in the establishment of modern values in the artistic culture of Rio Grande do Sul, with his famous sculptural series, such as Warriors (Guerreiros), which started in the 1960s, consolidating the idea of an expressionist matrix. He also established a fruitful dialogue between the tradition of Western art and regional themes, giving his work a collective and universal meaning at the same time.

This exhibition celebrates the centenary of Stockinger's birth, with which MARGS affirms its commitment to our artistic history, paying this important tribute, whose solemnity becomes necessary for the relevance of this great artist to

be restored and not to be erased from collective memory.

Stockinger is well represented in the MARGS collection and almost all of his artworks that belong to the museum are being presented in this exhibition, which also brings together a significant number of pieces from public and private collections. Invitations sent out to these institutions and collectors to take part in supporting the project of the museum were kindly accepted.

The result is this exhibition that brought to the public's eye a highly expressive and representative part of the artist's production. Stockinger obtained a consecration when he was still alive, and was frequently recognized throughout his career, as attested by the extensive critical, theoretical and historical fortune found in numerous texts, catalogues, books and exhibitions dedicated to him.

Recognizing that he is an already legitimated and widely approached artist, the exhibition "Stockinger 100 anos" (Stockinger 100 years) tends to be more panoramic than retrospective, having been organized according to strategies that seek to offer understanding and readability in face of an extensive and diverse production. These methods are reinforced by the choice of presenting various texts throughout the exhibition space, with the purpose to situate and contextualize the artist's work and career.

By pointing out and affirming the importance of Stockinger, the effort is to take his centenary of birth, and the 10 years of his farewell, as an opportune moment to spread his legacy. The intention is to provide a reunion and renewed interest with such a well-known and acclaimed production, but above all, to offer an intense and enriching experience to a wider audience that are not fully acquainted with the importance of his work and life, especially the new generations.

Francisco Dalcol  
MARGS Curator and Director  
PhD in Art Theory, Criticism and History

## WARRIORS' LINEAGE

Stiff characters, forged with metal, wood and fire, the Warriors are not serene sculptures. On the contrary, they show an expressive force of affirmative and even aggressive forcefulness of revolt, upheaval and attack.

In the early 1960s, after a period devoted to graphic arts (press design and engraving), Stockinger resumed sculpture practice and research. He began to melt in bronze in the backyard of his house, in a homemade and even rudimentary way. In this artisanal and experimental process, he developed shapes and textures that would lead him to elaborate the lineage around the mythical figure of the warrior. Following his experiments, he began to work the Warriors with tree trunks and welded metal parts, developing an inventive constructive process — gluing and overlapping, not modeling or carving —, which constitutes his most particular and remarkable contribution to the field of sculpture. Responsible for the projection and national recognition of the artist, the Warriors lineage also participated in the consolidation of a new sculptural field in Rio Grande do Sul. This was due to the affirmation of modern and actualizing artistic values, such as the possibility of an unnaturalistic figurative art and the commitment to the freedom of creation and expression, in which the representation of reality or the respect to the conventions of models were not considered important anymore.

These figures were soon seen not only an expression of the gaucho's aggressive and heroic side but also an exaltation of resistance to oppression and military dictatorship. At the same time, the lineage of the Warriors, to which figures such as prophets, guards, bulls, horses and female characters were added, gave Stockinger a personal and unique signature, being also the most extensive part of his production, which he kept making until the last few years of his life.

## PRINTED ART

In order to make a living from artwork, Stockinger turned to press design (diagramming, illustration, caricature, and cartoon) in the 1950s, momentarily abandoning sculpture work that he began in the middle of the 1940s.

He first worked for different press companies in Rio de Janeiro and, in Porto Alegre, since 1954, for the newspaper A Hora, having this job offer motivated him to move with his family to Rio

Grande do Sul.

Stockinger would later work for Folha da Tarde, maintaining a constant presence in Rio Grande do Sul's press until the early 1970s, with his own column in the newspaper and frequently collaborating with other editorial staffs.

## EXISTENCIAL AND SOCIAL DRAMA

In the late 1950s, Stockinger began to practice engraving. While working for press publishing companies, he was also looking for a way to provide himself and his family. From this experience, he was recognized for his important production in xilo (engravings printed from wood matrix), already expressing strong inclination to both social consciousness and expressionist strands.

However, Stockinger's engraving production did not bring light on the intensities of expression for a documental dramatization of life. On the other hand, it approached the collective social drama through the key of existential conflicts, based on excluded and marginalized characters from both urban and rural societies, such as the poor, bohemians, prostitutes and cattle raiders.

However, from today's critical point of view, some of these images produced between the 1950s and 1960s, in spite of revealing their appreciation and compassion for the oppressed and the underprivileged, can be criticized for reproducing and reinforcing the dominant values of an unequal society. An example of this scenario is the way that black women are represented, which can be seen as a stereotype and an affirmative of the subordinate condition, when taking into account current discussions and issues about representativeness, difference and power.

## RESTING AND ABSTRACTION

About the stone sculptural production, which accompanies various phases of his career, Stockinger used to say that it was the "resting time of the warrior". In fact, they are serene and silent sculptures that emphasize the appeal of contemplation. These artefacts invite to the delight of the lyrical and poetic beauty, mobilizing their own sensitivity to form and matter, as well as bringing pleasure and sensuality in the redemption of these senses.

Carving stone, Stockinger no longer adds or

molds, only subtracts the excess. There is volume and color, but also absence. The narrative and commentary of social reality give rise to the option for silence, of art as an object in itself. Using metal, Stockinger put in his sculptures a certain expressionist gesture. Whereas, the stone was lighter and purer, therefore combining smooth spherical shapes with rough and textured surfaces, areas filled with voids, and even hollows, also establishing a match between light and shadow, weight and rigidity.

Here, the artist let himself be guided by the idea of recognizing his vocation in the raw form of matter, thus finding the way of an informal abstraction, although not totally exempt from the theme, since at least three are recurrent: the lunar, the columns and the drapes. Among the privileged materials, marble stood out, with its ancestral presence in the history of art.

### WOOD AND PLASTER

The figures made only by wood suggest the existence of a bridge in his production, found in the passage between the noisy iron-wood carvings and the silent stones. They are even similar to some of Vasco Prado's famous female wooden figures. More precisely, they exemplify the transit that Stockinger undertook in his sculptural trajectory.

The beginning of his career was marked by academic naturalism — based on previous rules, studio teaching and the living-model method — a phase exemplified by the plaster heads and busts he produced during this period.

Then he would abandon this orientation, soon finding a language no longer realistic in sculpture. Even when working with plaster, he already showed an innovative artistic style, such as the emblematic Standing Figure (Figura em Pé), winner of the Porto Alegre Contemporary Art Festival (1960) and affectionately called "Sapa". The piece in plaster belongs to the MARGS collection, along with the patinated bronze version of 2001.

Wood was adopted — in the making of female figures — and it was soon substituted for bronze, leading him to the Warriors. And then the use of wood was resumed later, when he started to use it with welded iron, finding its own language, offering a great contribution to Brazilian art.

### COMPLAINT OF MISERY

In the 1990s, Stockinger recovered the burdens of a more explicit social commentary in his artistic production. Sensitized by the news of hunger and misery that kept coming from the northeast of Brazil, he conceived the figures of the "Gabirus", represented as dwarfs, expressing the persistent human drama on the less-favored.

As a means of condemnation, Stockinger intentionally sought to shock people with his striking casted bronze pieces, which once again pointed out the approach of something grotesque in his production.

With the "Gabirus", Stockinger again took part in the facts of social reality, participating in the problems that affect the human beings in a universal sense, as if the sculptures posed to him a way of seeing and reflecting on the issues of the world.

In Stockinger's career, the "Gabirus" series would heavily mark the presence of the artist at the 1st Mercosur Biennial in 1997.

### HUMANIST AND UNIVERSAL

Throughout his extensive career, developed between the 1940s and 2000s, Stockinger's production has always pointed to the ballast of Western artistic tradition.

More precisely, for the revaluation of primitive sculpture suggested by great European masters, characterized by a humanist point of view and free figuration. Among these references are undisputable sculptors such as Alberto Giacometti, Aristide Maillol, Auguste Rodin, Constantin Brancusi, Henry Moore, Jean Arp and Marino Marini.

Step by step, an option for the grotesque in Stockinger's sculptural production became asserted with greater interest. Besides, it shows a strong tendency to inventive and diverse procedures involving mass accumulations and increasingly long-form figures, such as the "Skinny" (Magrinhas) and other characters, especially the female ones.

By drawing near to this primitive, archaic, and ancestral aspect found in most modern artists, as an emblem of fidelity and coherence, Stockinger has achieved a range of works that continues to signify for its humanist nature as well as its universal dimension of drama and joy for being in the world and having to deal with the conditions in which one can hardly survive.

## BIOGRAPHIC TEXT

### FRANCISCO (XICO) STOCKINGER

Born in Traun, Austria, on August 7, 1919, Franz Alexander Stockinger grew up in a rural area in São Paulo, where the immigrant family (Austrian father, English mother and older sister) made their way when they arrived in Brazil in the early 1920s.

After the separation of his parents, at the end of the same decade, he accompanied his mother in her move to the capital of São Paulo, where he lived his adolescent life. At Mackenzie School, he was a student of Anita Malfatti, but he was unaware that she had been a crucial artist of modernism in Brazil, a remnant of the Modern Art Week in 1922. At the time, his greatest interest was still the caricatures of Belmonte and the “Flash Gordon” comics.

When he moved to Rio de Janeiro, in 1937, he was qualified as an airplane pilot, fulfilling a childhood dream. He tried to enlist as a pilot in World War II, but was prevented from flying because he was a foreigner. He then became interested in meteorology, becoming a technician and working for aviation.

He began sculpture studies in the 1940s at the atelier of Bruno Giorgi. He soon became acquainted with the intellectual, artistic and bohemian circle of Rio, having lived with key names in the establishment of modern art in Brazil, such as Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Iberê Camargo, José Pancetti, Marcelo Grassmann, Maria Leontina, Milton Dacosta and Oswaldo Goeldi.

In his early career, he stood out for receiving several awards, such as the 53rd and 54th National Salon of Fine Arts (1948 and 1949), as well as the 1st and 3rd National Salon of Modern Art (1952 and 1954).

In 1954, already married and with two children, he moved to Rio Grande do Sul when he found a job in the newspaper A Hora. In Porto Alegre, he worked as diagrammer, caricaturist, cartoonist and illustrator, as well as working in the newspaper Folha da Tarde, where he continued his work until the 1970s.

He was naturalized Brazilian, changing his name from Franz to Francisco. By the age of 40, he started experiencing the problems of hearing loss, making him learn how to skillfully communicate by reading lips. After a period devoted to press and commercial design, he began to work with engraving, expanding his professional performance, and soon constituting an important work in wood engraving.

When he resumed sculpture practicing in the 1960s, he gained national projection with the Warriors sculptures, firstly made of bronze and later of iron and wood, which have been subsequently exhibited in editions of the São Paulo Biennial.

In 1960, he was awarded at the Christian Art Salon at MARGS and also held the first of several solo exhibitions he would present at this museum.

Besides being an artist, he stood out for his performance as a cultural leader and agent of the artistic system. He was one of the founders of the Porto Alegre’s City Hall Free Atelier (1961) and president of the Francisco Lisboa Association (1950s and 70s). Also, one of the first directors of MARGS, from 1963 to 1964, returning back to this position in 1967, when he also became the director of the Arts Division of the Department of Culture of Rio Grande do Sul.

In 1974, undergoing cardiac surgery, he was recommended to rest, which led him to become involved with cactus culture, to the point of becoming a recognized scholar and collector (responsible for identifying at least two species).

In the 1980s, he taught courses at MARGS with his colleague and friend Vasco Prado.

His consistent participation in the 1st Mercosur Biennial, in 1997, was greatly recognized.

In the commemorations of his 70th and 80th birthdays (in 1989 and 1999), he got solo exhibitions at MARGS.

He is the author of several sculptural works and ensembles in public spaces, in Brazil and abroad. In Porto Alegre, there are pieces such as those installed in Marinha do Brasil Park (1997) and Moinhos de Vento Park (1995), as well as the panels of Dom Sebastião Square (1972), which decorate the Conceição Tunnel.

Together with the sculptor Eloisa Tregnago, he is the author of one of the most famous public sculptures in the city, installed since 2001 in Alfândega Square: the poet Carlos Drummond de Andrade, standing, reading to the poet Mario Quintana, sitting on a bench.

In six decades of production, he has held dozens of solo exhibitions, and has participated in several other collective exhibitions at institutions in Brazil and abroad.

He died at the age of 89, on April 12, 2009, on Easter Sunday, while sleeping. The funeral took place at the Pinacoteca of MARGS, an institution which the artist had been involved in since his arrival in 1954, the same year the museum was created.











**Governo do Estado do Rio Grande do Sul**

**Governador**

Eduardo Leite

**Secretária de Estado da Cultura**

Beatriz Araujo

**Secretária de Estado Adjunta da Cultura**

Carmen Langaro

**Diretora de Artes e Economia Criativa**

Ana Fagundes

**Diretor de Memória e Patrimônio**

Eduardo Hahn

**Diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais – IEAVI**

André Venzon

**Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS**

**Diretor-curador**

Francisco Dalcol

**Curadora-assistente e coordenadora de operação**

Fernanda Medeiros

**Núcleo de Acervo**

Daniela S. Tyburski

Eneida Michel da Silva

Raul César Holtz Silva – coordenador

**Núcleo Administrativo**

Maria Tereza Paes – coordenadora

Natália S. Santos de Almeida

**Núcleo de Comunicação e Design**

Cláudia R. Dornelles Antunes – coordenadora

Leonardo Pissetti – estagiário de Design – Comunicação Visual (ESPM)

**Núcleo de Conservação e Restauro**

Loreni Pereira de Paula

Naida Maria Vieira Corrêa – coordenadora

**Núcleo de Curadoria**

Célia Moura Donassolo

Cristina Barros – estagiária de

História da Arte (UFRGS)

Izís Abreu

Mariângela Machado –

coordenadora

Sandra Vinhales

**Núcleo de Documentação e Pesquisa**

Ana Maria Hein

Clarice Sena Panizzon – estagiária

de História da Arte (UFRGS)

Maria Tereza Medeiros – coordenadora

**Núcleo Educativo**

Carla Batista – coordenadora

Karina Nery – estagiária de Artes

Visuais (UFRGS)

Mariah Pinheiro – estagiária de Artes

Visuais (UERGS)

Pamela Zorn Vianna – estagiária de Artes Visuais (UFRGS)

**Comitê de Acervo**

Fernanda Medeiros

Flávio Krawczyk

Francisco Dalcol

Igor Simões

Maria Tereza Medeiros

Paulo Gomes

Raul Holtz Silva

Vera Chaves Barcellos

**Comitê de Curadoria**

Ana Albani de Carvalho

Carla Batista

Eduardo Veras

Fernanda Medeiros

Francisco Dalcol

Izís Abreu

Munir Klamt

Paulo Miyada

**Mediadores voluntários**

Camila Gomes Salvá

Clarice Pinto Ben

Iara Nunnenkamp

Ledir Carvalho Krieger

Marcia Dias Barboza

Maria Regina Marques Teixeira

Marina dos Reis

Renato Dias de Mello

Rosemari Sarmento

Sandra da Rosa Santos

**Equipe de serviços gerais**

Juliana Pieretti

Ivete Cunha da Silva

Maria Neli Andrade Hilario

Marina Fernandes

Nelci Anschau

**Portaria**

Ernesto Saul Rheinheimer

**Equipe de segurança**

Alexandre da Silva Fão

Denise Lopes Porto

Domingos Rogério Baes Demutti

Gilda Teresinha Oliveira Teixeira

Giovana dos Santos Corange

Jean Carlos Dias Paim

José Antônio da Silva Alves

(supervisor)

José Vilnei Moraes Luiz (supervisor)

Josiane Pinheiro Gonçalves

Lucelena da Cunha Santos

Saimon Silva da Costa

Renata Pereira Mendes

Vander de Menezes

Vitor Douglas da Rosa Pereira

Wagner Pereira da Silva

Wanessa Eccel Santos

**Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – AAMARGS**

**Presidente**

Dirce Zalewski

**1ª Tesoureira**

Ilita da Rocha Patricio

**Secretária**

Reny Elizabeth de Araújo

Ramacciotti

**Conselho Fiscal**

Carlos Carrion de Britto Velho

Gilberto Perin

Carlos Alberto Carpena (suplente)

Francisco Dalcol (diretor-curador do MARGS)

**Assistente administrativo**

Girlei Both de Matos

## EXPOSIÇÃO

### EXHIBITION

#### “Stockinger 100 anos”

07.08 a 24.11.2019

Pinacotecas do MARGS

#### Curador/*Curator*

Francisco Dalcol

#### Curadora-assistente/*Assistant curator*

Fernanda Medeiros

#### Comunicação visual/*Visual communication*

Leonardo Pissetti

#### Equipe de montagem/*Art instaling*

Estruuart

#### Transporte/*Transport*

Transportadoras Bela Vista e POAExpress

#### Agradecimentos/*Acknowledgments*

O MARGS e a AAMARGS agradecem a todas as instituições e colecionadores que participaram desta exposição emprestando obras, assim como a todos que de diferentes formas colaboraram e somaram esforços para a realização desta homenagem a Stockinger. É graças a esses apoios e parcerias que este projeto com realização própria do museu se torna possível.

## CATÁLOGO

### CATALOGUE

#### Editores/*Publishers*

Francisco Dalcol e Fernanda Medeiros

#### Coordenação editorial/*Editorial coordination*

Fernanda Medeiros

#### Textos/*Texts*

Francisco Dalcol

#### Projeto gráfico/*Graphic project*

Leonardo Pissetti

#### Tratamento de imagem/*Image treatment*

Leonardo Pissetti

#### Revisão de texto/*Proofreader*

Cláudia R. Dornelles Antunes

#### Versão inglês/*English version*

Diego Groisman

#### Créditos das imagens/*Image credits*

© Achutti (p. 87)

© Nilton Santolin (pp. 2-3, 3-4, 5-6, 7-8, 9-10, 21, 24-25, 30, 31 acima, 32 acima, 33, 47, 52-53, 61, 71, 73, 81, 82-83, 84-85, 120-121, 122-123)

© Núcleo Educativo (pp. 102-103)

© Raul Holtz (pp. capa, 23, 26-27, 28-29, 31 abaixo, 32 abaixo, 41, 42, 43, 45, 48-49, 50-51, 54-55, 56-57, 59, 62-63, 64-65, 66-67, 68-69, 74-75, 76-77, 79, 90-91)

© Reproduções acervo documental MARGS (pp. 35, 37, 88, 93, 94-95)

© Reproduções col. Eloisa Tregnago (pp. 96-97, 98-99)

#### Impressão/*Printing*

Ideograf

PROJETO CULTURAL

AAMARGS | PRONAC 183658

Todos os direitos reservados

© MARGS

© Francisco Dalcol

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. O MARGS agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição, e se compromete a incluí-los em futuras reimpressões.

Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

### **Francisco Dalcol**

**Pesquisador, crítico, historiador da arte, curador, jornalista e editor. Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio de doutoramento pela Universidade Nova de Lisboa (UNL).**

**Sua pesquisa de doutorado trata das interseções entre crítica de arte, exposição e curadoria, tendo defendido em 2018 a tese intitulada “A curadoria de exposição enquanto espaço de crítica: a constituição de um campo de prática e pensamento em curadoria no Brasil (anos 1960-1980)”.**

**É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).**

**Em 2019, foi agraciado com o prêmio de Curadoria no Açorianos de Artes Plásticas, da Prefeitura de Porto Alegre. Em 2016, ganhou a 1ª menção honorífica no Incentive Prize for Young Critics, concedido pela AICA. Entre 2012 e 2016, foi editor e crítico de arte do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS).**

**Entre suas curadorias antes de assumir a direção do MARGS, trabalhou com artistas contemporâneos atuantes em Porto Alegre e acervos artísticos públicos, desenvolvendo projetos de exposições individuais e coletivas em museus, instituições e galerias.**

### **Fernanda Medeiros**

**Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), cursando a especialização *lato sensu* Práticas Curatoriais, do Instituto de Artes (IA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a graduação no bacharelado em História da Arte, também pelo IA-UFRGS.**



**Editora da Cactus Edições, selo de publicações de artistas, tendo lançado edições de nomes como Mário Röhneit, Rochele Zandavalli e Leticia Lopes. Produtora na Bronze Residência, do festival de videoarte “C4NN3S” e da feira Folhagem de publicações. Integra o Comitê de Curadoria da Galeria Ecarta.**

**Foi coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos (2012-2019) e sócia-fundadora, curadora e produtora no Acervo Independente (2014-2017). Nos últimos anos, tem se dedicado a curadorias de artistas contemporâneos.**


## Museu de Arte do Rio Grande do Sul | MARGS

Praça da Alfândega, s/nº  
Centro Histórico  
Porto Alegre, RS  
90010-150  
Brasil  
Terça-feira a domingo, 10h às 19h  
Entrada gratuita

 [www.margs.rs.gov.br](http://www.margs.rs.gov.br)

  /museumargs

### ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do  
Museu de Arte do Rio Grande  
do Sul | AAMARGS  
 [www.margs.rs.gov.br/aamargs](http://www.margs.rs.gov.br/aamargs)

### VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo do MARGS  
acolhe grupos para visitas  
mediadas ou técnicas.  
Solicitações devem ser enviadas  
com antecedência para o e-mail  
[educativo@margs.rs.gov.br](mailto:educativo@margs.rs.gov.br)

### CAFÉ

Cafeteria e gastronomia, em um  
espaço que apresenta eventos  
artísticos e musicais. Terça a  
domingo, das 10h às 19h

### LIVRARIA E LOJA

Livros e artigos de papelaria,  
além de materiais para  
desenho e pintura.  
Terça a domingo, das 10h às 19h

### RESTAURANTE

Bistrô com gastronomia  
diferenciada, em menu e  
sugestões do dia. Diariamente,  
das 11h às 19h (acesso externo  
ao museu)



São patrocínios, apoios e colaborações que garantem em grande parte a manutenção, a operação e a programação do MARGS. Faça parte também desses esforços e seja mais um dos incentivadores do museu. Doe parte de seu Imposto de Renda devido para o Plano Anual do MARGS pela Lei de Incentivo à Cultura Federal e contribua para a difusão da cultura, da educação e da cidadania.  
Informações: [aamargs@margs.rs.gov.br](mailto:aamargs@margs.rs.gov.br) e (51) 3211-5736



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

---

S864 STOCKINGER 100 anos. / curadoria de Francisco Dalcol e  
Fernanda Medeiros; textos de Francisco Dalcol.– Porto  
Alegre: Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli,  
2019.  
128 p. il.

Catálogo de exposição "Stockinger 100 anos" realizada no  
Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), de 07 de agosto a  
24 de novembro de 2019.

Edição bilíngue: português-inglês.

1. Artes Plásticas: Rio Grande do Sul. 2. Stockinger,  
Francisco: exposição. I. Dalcol, Francisco. II. Medeiros, Fernanda.  
III. Groismann, Diego (trad.). IV. Título.

---

CDU: 73/76 (81) (058)

Bibliotecária responsável: Morganah Marcon, CRB-10/1024

**Famílias tipográficas** Source Sans Pro

**Papéis** Offset Alta Alvura 120g (miolo) e  
Supremo 250g (capa)


**Tiragem** 300 exemplares



M | A | R G S

**Museu de Arte do Rio Grande do Sul**

Praça da Alfândega, s/nº  
Centro Histórico  
Porto Alegre, RS  
90010-150  
Brasil

Terça-feira a domingo, 10h às 19h  
Entrada gratuita

 [www.margs.rs.gov.br](http://www.margs.rs.gov.br)

  /museumargs